

Diário de Lisboa

Número avalso: 30 CENTAVOS

Administrador e editor:

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO — Rua de Rosa, 57, 2.º

Endereço Telegráfico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANZO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 44

TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

Endereço telegráfico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

A sessão inaugural das duas casas do Parlamento realizou-se hoje com a maior solenidade

A abertura do Parlamento—cerimónia de grande estilo—e o cortejo presidencial com parada de tropas—espectáculo militar e decorativo—constituíram hoje o acontecimento de Lisboa, com repercussão em todo o país.

Apesar de ser dia de semana, muito povo assistiu ao desfile dos carros da Presidência desde a praça de Belem até ao largo das Côrtes, por entre filas de tropas de todas as armas. E como o dia que fez foi esplendido de sol, as ruas por onde passou o cortejo ofereciam um interessante aspecto, realçando as galas de que o espectáculo militar e as cerimónias exteriores se revestiram.

A saída de Belem

A's 13 e 30 as tropas da guarnição de Lisboa estavam alinhadas, segundo o plano já conhecido, desde Belem e avenida da Índia, pelas avenidas 24 de Julho e Presidente Wilson até ao largo das Côrtes, num total de 6.000 homens de todas as armas, incluindo a Guarda Nacional Republicana a pé e a cavalo.

Cordões de Polícia faziam a vigilância através do percurso, mantendo a ordem. As passagens pela linha do trajecto do cortejo faziam-se apenas perante a apresentação de cartões de livre trânsito.

Muito antes da hora marcada para a saída do cortejo presidencial do Palácio Nacional de Belem formavam ao longo da calçada da Ajuda os regimentos de cavalaria 7 e lanceiros 2, comandados superiormente pelo brigadeiro Correia Guedes, comandante da 2.ª brigada de Cavalaria.

Esta forças em formatura, e no sector fronteiro ao palácio, na calçada da Ajuda, impediam também o ingresso fosse de quem fosse dentro do pátio do palácio.

Uma força de Polícia comandada pelo capitão Jorge Pedreira exercia também serviço de vigilância no cruzamento da calçada da Ajuda, praça Afonso de Albuquerque e entrada da avenida da Índia. O povo, porém, por ser dia de trabalho, não era muito, neste local, decorrendo o serviço de trânsito e de vigilância com a maior facilidade, e funcionando os electricos quasi sem interrupção.

A's 13 e 50 chegou ao Palácio de Belem, pelo portão da calçada da Ajuda, um automóvel conduzindo o chefe do Estado, general sr. Oscar Carmona, que vinha da cidadela de Cascais acompanhado pelos eu ajudantes. Três minutos depois, chegou o general sr. Domingos de Oliveira, a cavalo, acompanhado do seu estado maior e ordenanças.

A's 13 e 55 apeou-se do seu automóvel o chefe do Governo, sr. dr. Oliveira Salazar, acompanhado do chefe de gabinete, sr. Leal Marques.

Dentro do pátio do palácio as carruagens á Daumont esperavam, em evoluções continuas, a hora da saída do cortejo.

Pouco depois das 14 horas saíram do palácio o sr. Leal Marques e um secretário do sr. presidente do Conselho, e pouco depois noutro carro da Presidência os srs. Barreto da Cruz e dr. Antonio Séves, funcionários superiores do serviço do protocolo da Presidência da Republica.

Eram 14 e 10 quando se ouviram os primeiros toques de clarim, ordenan-



A carruagem em que seguiam o chefe do Estado e o presidente do Conselho a saída do Palácio de Belem — (Foto Iloracio Novais)

do sentido, seguindo-se as marchas de continência.

Do interior do palácio saíram os srs. Presidente da Republica e Presidente do Conselho, acompanhados do pessoal da casa militar do chefe do Estado.

Na primeira carruagem, tirada a duas parelhas, tomaram lugar os srs. comandante Sequeira Braga, capitão Silva Costa e tenente Carvalho Nunes, da casa militar do Presidente, todos de grande uniforme, ocupando a direita o sr. comandante Sequeira Braga.

Imediatamente se seguia a carruagem presidencial ocupando a direita o Chefe do Estado, e indo a seu lado, de casaca, o sr. presidente do Conselho.

Organizou-se então o cortejo, que abria com quatro sargentos a cavalo seguindo-se a escolta de honra constituída pelo 2.º esquadrão de cavalaria 7, sob o comando do capitão Deslandes. Entrou nesta altura a carruagem com os oficiais da Casa Militar, e logo o landau presidencial, ladeado por um pelotão de cavalaria 7, sob o comando do tenente Pereira Cruz.

A' estribeira, e á direita, cavalgava o sr. general Domingos de Oliveira governador militar de Lisboa, e á esquerda o comandante da 2.ª brigada de cavalaria.

Seguiam-se dois esquadrões de cavalaria 7 e de lanceiros 2, com as respectivas lanças e com os seus estandartes.

Com andamento normal o cortejo pôs-se em marcha, sem a mais pequena interrupção, pela avenida da Índia, entre filas de tropas, a que já passara revista o sr. governador militar.

Pelas ruas do percurso, e nomeadamente na avenida 24 de Julho e avenida Presidente Wilson havia bastante povo, que saudou respeitosamente os srs. general Carmona e Oliveira Salazar.

A's 14 e 40 o cortejo começava a subir a antiga avenida das Côrtes, que oferecia um esplendoroso aspecto militar, encontrando-se as janelas apinhadas, e as embocaduras das ruas tomadas por automóveis.

A chegada a S. Bento

Por volta do meio dia já havia grande movimento nas imediações do Palácio de S. Bento. As forças designadas para a parada iam começando a tomar os seus lugares ao longo da avenida Presidente Wilson e em frente do edificio do Parlamento encontravam-se postadas com aprumo quatro companhias de três pelotões de Marinha, comandados superiormente pelo sr. capitão-tenente Augusto Soares de Oliveira. Nos embocaduras das ruas começaram também a juntar-se cedo os populares curiosos, que tomaram os seus lugares nas terras que ficam ao lado da calçada da Estrela.

E á medida que o sol radioso ia caindo, as janelas dos prédios fronteiros de S. Bento, algumas jornadas com

colgaduras iam-se abrindo á curiosidade dos moradores. Nos telhados dos prédios da Cruz dos Poiais viam-se também alguns vultos multicolores.

A partir das 13 horas já era difícil atravessar a rua de S. Bento, onde os automóveis se começavam a juntar e na calçada da Estrela as alas compactas de gente, atrás das forças em parada, tonavam difícil o acesso ao Palácio. A primeira pessoa, estranha ao funcionalismo do Parlamento, que subiu a escadaria branca da entrada foi o sr. Mardsen, com o seu ar grave de representante do «Times». Pouco depois—seriam 13 e 15—o clarim de Marinha tocou a sentido, ao mesmo tempo que um automóvel parava em frente do Palácio.

Um movimento de curiosidade se apoderou da assistência. Era o primeiro convidado oficial, que chegava ao Parlamento—o general Pinheiro Machado, com o seu vistoso uniforme de grande gala.

Depois, uma fila interminável de automóveis foi deixando, sucessivamente procuradores, deputados e muitos convidados—grandes uniformes, casacas aprumadas, ricas «toilettes» de senhoras: srs. almirante Oliveira Muzanty, chefe do Estado Maior Naval, almirante Antonio da Camara, generais Vieira da Rocha, Morais Sarmento e Lobato Guerra, director da Arma de Artelharia, brigadeiro Joaquim Malheiro, general João de Almeida, comandante Carvalho Crato,

(Ver continuação na pagina central)

A este numero do «Diário de Lisboa», corresponde um suplemento literario de oito páginas

TEATROS E CINEMAS

Raquel Meller

Causou sensação e a mais agradável surpresa a notícia da vinda da divina Raquel Meller ao teatro da Trindade em cinco únicas noites que serão outras tantas encheimas. Lisboa mal teve tempo de ver Raquel na sua primeira e triunfal passagem pelo Trindade, e agora vai deliciar com o prazer raro de ver e ouvir, em carne e osso não pela rádio, a criadora magnífica de «El Relicario», o idolo parisiense que popularizou em todo o mundo «La Violetera» e que actualmente adoptou nova e sensacional maneira, acompanhada duma bela companhia de variedades.

Armando Baptista

Com a colaboração de ilustres artistas do nosso teatro, realiza-se no dia 2 de fevereiro um serão teatral, promovido pelo conhecido artista Armando Baptista, no salão de festas do «Seculo».

Armando Baptista, por não haver actualmente teatro de opereta em Portugal, vai dedicar-se ao teatro de comédia e ligeiro, á pondo-se a mostrar nesta recita as suas qualidades como actor.

F. S. do reposteiro

Foi fixada para a próxima sexta-feira, 18, no Avenida, a estreia da nova comédia em 3 actos, «Sangue Azul», adaptação de Alberto Barbosa e Luiz Galhardo, da celebre comédia espanhola, «Caramba con la marquesa!», a quarta peça da temporada, neste teatro, da companhia Maria Matos. Independentemente da fama trazida por esta peça, que é, de facto, um sucesso de graça e de comicidade, «Sangue Azul», na noite da sua estreia oferecerá ao publico «habitué» das primeiras representações e áquele que procura ávidamente os espectáculos de novidade e de sensação, o interesse invulgar de nela fazer a sua estreia, neste genero de teatro, um artista com largos fóros no teatro de revista e de opereta, Alvaro Pereira, que vai interpretar um papel de responsabilidade, que se adapta perfeitamente á sua maneira e á sua fantasia cômica.

Fizeram ontem anos a artistas Filomena Lima, da companhia do Trindade e Josefina Silva, da companhia do Variedades.

A companhia do Trindade realiza hoje o seu ultimo espectáculo no Recreio do Povo, em Setúbal, efectuando amanhã e no domingo, novamente no Trindade, as duas ultimas representações da comédia «O Menino Virtuoso», seguindo na segunda-feira para Évora e depois para Extremoz, cidades em que vai efectuar espectáculos já contratados.

Noticias do Porto dizem-nos que, ha dias, se encontra completamente esgotada a lotação do Sá da Bandeira para a estreia neste teatro, que deve realizar-se esta noite da nova revista de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, «Café com leite».

A estreia da nova comédia do Trindade, «A culpa é do Bibi», em 3 actos, em que faz a sua reaparição em Lisboa a ilustre actriz Brunilde Judice, ao lado de Irène Izidro, Vasco Sant'Ana e Assis Pacheco, far-se-á na segunda quinzena deste mês.

As marcações já feitas, em grande quantidade, para a «matinée» de domingo no Maria Vitoria em que na revista «Viva a Folia!» se exhibe a já queridissima artista Mirita Casimiro de Almeida, só se respeitam até amanhã á tarde.

A companhia José Dubini segue brevemente para o Alentejo e Algarve, para depois estrear, no dia 25, na Perceria, a sua nova digressão pela ilhas dos Açores e Madeira.

Vai retomar a sua actividade profissional, voltando a pintar para o teatro, o ilustre artista e professor do Conservatorio Augusto Pina, o unico discipulo sobrevivente do grande cenógrafo italiano Manini.

No dia 30 do corrente realiza-se no Ginasio o primeiro grande concerto duma serie que ali se propõe efectuar a Sociedade de Concertos Liricos, da qual fazem parte figuras das mais categorizadas da nossa pri-

meira sociedade, no numero das quais se conta o sr. dr. Tavares de Carvalho.

Em substituição do falecido dr. Silveira, foi nomeado pela empresa Antonio Castro medico do Teatro Sá da Bandeira, o sr. dr. Alvaro Pimenta, que revelantissimos serviços tem já prestado no Porto á classe teatral.

Termina amanhã os seus espectáculos em Mirandela a companhia Hortense Luz, que no proximo domingo se estreia em Ohaves, onde realizará quatro recitas seguidas até ao dia 16 do corrente.

Repete-se hoje no Avenida a hilariante comédia de André Brun, «A vizinha do lado» em pleno triunfo.

Hoje, amanhã e domingo, á noite, em duas sessões são as ultimas representações, no Variedades de «O Chico das Pegas», a preços populares.

Para hoje, amanhã e domingo, «matinée» e duas sessões, estão quasi esgotadas as lotações do Apolo, onde continua a representar-se a super-famosa revista «Zé dos Pacatos».

Tendo passado hoje o 1.º mês do falecimento do actor Joaquim Almada, a actriz Maria Matos manda amanhã rezar uma missa de suffragio, que terá lugar na igreja de S. Domingos ao meio dia.

Está decorrendo com entusiasmo na bilheteira do Coliseu á marcação de bilhetes para os concertos que ali vem dar nos dias 24, 25 e 26 a Grande Orquestra Filarmónica de Madrid, sob a direcção do ilustre maestro Pérez Casas.

Porque é sempre o espectáculo brilhantissimo que entusiasma e faz vibrar, «O Fim do Mundo» continua atraindo ao Coliseu pessoas de todos os pontos do país. Domingo ha uma grandiosa «matinée» com esta deslumbrante peça.

Entrou em ensaios de apuro, no Nacional, a peça «Meninas», de Vasco de Mendonça Alves, a subir á cena na proxima sexta-feira.

Está a dar as suas ultimas representações, no Nacional, a aplaudida peça «Sol Poente», de Ramada Curto.

«O Ladrão», de Bernstein

O Central Cinema estreia, na proxima segunda-feira, um filme cujo titulo recorda os tempos aureos do antigo teatro D. Amélia. Trata-se de «O Ladrão», uma das grandes corças de gloria da genial Angela Pinto e Augusto Rosa, e que Maurice Tourneur extraiu da famosa e vibrante peça de Bernstein e com tal brilhantismo, que o cine-



VICFOR FRANCEN e MADELEINE RENAUD ma e o teatro se confundem numa formula feliz de espectáculo, de crescente e dominante curiosidade, ora pelo vigor da realização, ora pela classe do desempenho e beleza das suas imagens.

Quem não conheceu a genial comediante portuguesa, numa personagem-exame de possibilidades histrionicas, pode, agora, no mesmo papel, admirar Madeleine Renaud, uma das maiores vedetas da actualidade e cujo vigoroso temperamento é solida garantia duma fulgurante criação.

Actualidades

Uma firma portuguesa produtora e distribuidora fechou contrato com um elegante

cinema da capital para o exclusivo dos seus programas, durante esta epoca.

O novo trabalho cinematografico do realizador Marcel L'Herbier é inspirado no celebre romance de Claude Farrère «Les hommes nouveaux».

Os exteriores filmam-se em Marrocos e os interiores no estúdio de Joinville. Foram escolhidos para a interpretação Harry Baur, Marie Bell e Georges Grossmith.

Já se iniciou a filmagem de «Gangster malgré», que tem como protagonista o popular Milton ao lado de Françoise Rosay e Robert Arnoux. A realização é de André Hugor.

Wallace Beery adquiriu recentemente um avião de seis lugares para o transportar com urgencia, para o trabalho dos exteriores.

PROGRAMAS DE HOJE

S. LUIZ TELEF. 27172
2.ª semana
Noites Moscovitas
com Annabella, Harry Bauer, Spinelly e Richard Pierre Willem
A's 21 e 30

CENTRAL Telef. 24381
O grande naufragio
com Walter Connolly, Doris Kenyon e Robert Young
A's 21 e 30

CONDES Telef. 22523
OS THENARDIERS
2.ª jornada de
OS MISERAVEIS
O DEMOLIDOR
A's 21 e 15

ODEON Telef. 26183
Escandalos Romanos
com Eddie Cantor
A's 21 e 15

PALACIO Telef. 47163
e as famosas 200
«Goldyn Girls»
A's 21 e 30

POLITEAMA Telef. 26305
Escandalos Romanos
com Eddie Cantor e as famosas 200 «Goldyn Girls»
A's 21 e 30

PARIS Tel. 28777
O Turbilhão da Dança
O Inferno Submarino
Matinées ás 5.ª sab. e dom. ás 15

CAPITOLIO CAPRICHOS IMPERIAIS
com Marlene Dietrich
Bilhetes desde 1\$60
A Dactilografista

TERRASSE Os homens da brancas
A's 21 e 15 Telef. 20917
A mulher dos cabelos vermelhos

LYS Telef. 48560
A's 21 e 15
Fra Diavolo

ROYAL A's 21 e 45
Telef. 45037
Filme de Fritz Lang com Ch. Boyer

JARDIM CINEMA A's 20,45
GADO BRAVO
Douro - Feina fluvial

EUROPA A's 21
TELEF. 46961
GADO BRAVO
D. Quixote

AVENIDA
Espectaculo inteiro - A's 9 1/2 horas
A
VIZINHA DO LADO

A comédia de ANDRÉ BRUN, manacial de gargalhadas
SEXTA-FEIRA, 18:
A nova comédia em 3 actos
SANGUE AZUL
Estreia do actor comico Alvaro Pereira

VARIEDADES
HOJE, AMANHÃ E DOMINGO, 13
A's 8,30 e 10,45 horas
ULTIMAS REPRESENTAÇÕES
da opereta de Mestre Eduardo Schwalbach
O Chico das Pegas
Aos preços populares de:
Gral, 2\$50; Superior, 5\$00; Cadeiras de orquestra, 7\$50; Poltronas, 10\$00; Camarotes 30\$00 e Fricas, 35\$00.

BOLSA DE LISBOA

11 de janeiro
CONTADO

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 6 1/2 % 1923	1.108\$00	1.107\$00	1.118\$00
convert. em 4 3/4 % 1934	1.057\$00	1.056\$00	1.057\$00
Consolidado 5 1/2 % 1913	—	—	—
4 1/2 % 1933	—	—	—
4 % 1934	—	—	—
Externo 3 % 1.ª Serie	1.590\$00	1.589\$00	1.591\$00
3 % 2.ª	—	—	—
3 % 3.ª	—	1.596\$00	1.600\$00
Emp. 4 1/2 % 1912	—	—	—
6 1/2 % 1930-Consol	516\$50	516\$50	517\$00
6 3/4 % 1930-Portos	515\$00	515\$00	515\$50
6 % 1932	1.020\$00	1.018\$00	1.020\$00
Ações			
Bancos			
Comercial de Lx. port.	—	440\$00	450\$00
Lisboa & Açores	—	398\$00	—
Portugal	—	—	1.070\$00
Espirito Santo	—	6.00\$00	—
C.ª de Seguros			
Bonança	—	655\$00	670\$00
Fidelidade	—	—	—
Mundial	180\$00	179\$50	181\$00
Nacional	—	—	—
Saques	—	96\$00	—
Lagos	—	670\$00	—
C.ª diversas			
C. P. ordinarias	—	97\$00	102\$00
privilegiadas	—	—	—
Agua de Lisboa, port.	—	650\$00	660\$00
Cerveja Estrela	242\$00	241\$00	245\$00
Cimentos de Leiria	—	—	—
Credito Predial	26\$40	26\$30	26\$40
Gaz e Electricidade	301\$00	301\$00	302\$00
Navegação	59\$00	59\$00	60\$00
Portugal e Colonias	71\$50	71\$00	—
Portuguesa de Pesca	168\$00	168\$00	170\$00
de Tabacos	386\$00	385\$00	386\$00
Tabacos de Portugal	—	322\$00	330\$00
Tabaqueira	—	533\$00	545\$00
União Electrica Portug.	180\$00	179\$00	183\$00
Colonias			
Assucar d'Angola	393\$00	385\$00	392\$00
Busi-1.ª Emissao	—	35\$00	—
— 2.ª	—	33\$00	—
Illa do Principe	138\$00	138\$00	139\$00
Obrigações			
C. P. 6 o/o	517\$00	510\$00	516\$00
Previdas 6 o/o—1932 1.ª	90\$00	90\$00	90\$50
7 o/o	120\$00	119\$00	121\$00
U. Electrica Port. 7 1/2	126\$00	125\$50	127\$00
Busi 9 o/o	118\$00	118\$00	118\$50

Henrique de Barros Gomes

Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
Telef. 2 5482 Rua S. Julião, 69

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Andres	110\$00	110\$15
Paris	104\$00	104\$20
Madrid	3\$67.9	3\$67.3
New-York	22\$37.7	22\$40.8
Curich	7\$26.9	7\$27.9
Geneva	1\$81.9	1\$82.2
Bruxelas	5\$25.1	5\$ 5.8
Amsterdao	15\$16.7	15\$18.7
Berlim	9\$00.7	9\$11.9
Praga	4\$93.7	4\$93.8
Mo de Janeiro	1\$48.9	1\$49.1
Libra ouro	—	—

No CAFÉ-RESTAURANTE «CHIC»
ha os melhores mariscos e cerveja, como a que melhor se tira nos estabelecimentos congêneres.

O ESPUMOSO
Tagide
É SUPERIOR

Automoveis sem chauffeur
Atugam-se. R. Andrade Corvo, 6

MARIA VICTORIA
DUAS SESSÕES ♦♦♦ 8,45 e 10,45 h.
com a gloriosa revista
VIVA A FOLIA!
A CONSAGRADA ARTISTA
MIRITA CASIMIRO
nos seus Fados, «Toadas»
e Canções da Beira ♦♦♦
DOMINGO, 13:
«Matinées e duas sessões á noite»

Teatro Nacional
HOJE - A's 21 e 30 - HOJE
Ultimas representações da peça de
Ramada Curto
Sol Poente
com um notabilissimo conjunto de interpretação, com Palmira Bastos no papel principal
Quinta-feira, 17, ás 4 horas da tarde:
«Matinée» de Caridade
Sexta-feira, 18: 2.ª Recita de Assinatura
A peça em 3 actos, original de Vasco Mendonça Alves
Meninas
O teatro está aquecido todas as noites

Zé dos Pacatos!

Zé dos Pacatos!

Zé dos Pacatos!

Zé dos Pacatos!

E' o grito do Publico. agora e sempre á Revista Gloriosa do

A POLO

TRINDADE

Amãhã e Domingo - A's 9 1/2 h.

Ultimas representações

Despedidas da comédia

O

MENINO VIRTUOSO

Protagonistas

Irene Izidro e Vasco Santana

Desportes

Varias noticias

Os Colegios de Arbitros de Lisboa e do Porto mantêm entre si as melhores relações.

O Colegio do Porto recebeu o elemento lisboeta, José Travassos, com provas de simpatia.

O Colegio de Lisboa responderá, pelo que sabemos, de igual maneira.

Assim, amanhã, á meia noite, na sede da Associação de Football, será oferecido um «Porto de Honra» ao juiz de campo portuense, sr. Alexandrino Santos Junior, a quem cabe a tarefa de dirigir o Porto-Lisboa de depois de amanhã.

Consta-nos que este acto terá solenidade, pois a ele assistirão não só os directores do Colegio, como graúdas individualidades do meio desportivo.

O Grupo Desportivo «Os Treze», clube de desportes e de educação física, festeja amanhã, com uma sessão solene, o X aniversário do clube.

Não se trata, em colectividades desportivas, duma data vulgar.

«Os Treze» têm afirmado um valor no desporto lisboeta, impondo-se pela consciencia do seu objectivo e dos seus deveres.

Neste momento, em que o Grupo Desportivo «Os Treze» se encontra em festa, é justo recordar o nome de três dos seus componentes—Pedro de Andrade, Domingos e Francisco Manuel dos Santos—a cuja acção persistente deve o clube o lugar que hoje occupa, muito justamente, no meio lisboeta.

O Conselho Técnico da Associação Portuense de Handball, em virtude de alguns dos componentes da selecção que no domingo jogou contra o grupo representativo de Lisboa, se mostrarem destreinados, resolveu modificar a linha que, no proximo domingo, irá defrontar novamente a selecção lisboeta.

A constituição da nova linha deve ser a seguinte: Veloso, Bastos, Manuel Julio, Teófilo, Lopes Martins, Adalberto, Mario, Dias Leite, Fabião, Gomes e Prouença.

Antonio Mota não alinhara, por se encontrar doente.

Dada a circunstancia da maior parte dos seleccionados pertencerem ao F. C. do Porto, foi resolvido levar como suplentes o resto da linha desse clube, o qual realizará um encontro, na proxima segunda-feira, contra o Grupo Desportivo «Os Treze».

O F. C. do Porto ultimou uma negociação com o Academico, por via da qual serão jogados no Estadio do Lima todos os desafios que ao campeão do norte pertença disputar na cidade do Porto.

No proximo domingo, disputar-se-ão, em Lisboa, dois jogos de «football» de passagem de divão.

No Restelo, defrontar-se-ão Casa Pia-Barcelense, sob a arbitragem de José Travassos, e em campo a designar, Vasco da Goma-Operario, sob a direcção de Molsés da Cruz.

Prosseguindo ainda os desafios de promoção, nucleo de Lisboa, nucleo de Oeiras-Cascais e nucleo de Alhandra-Villa Franca.

O Pacheco chega hoje

Foi hoje entregue, finalmente, pelas autoridades espanholas aos agentes Cunha e Alberto Cruz, da P. I. C. de Lisboa, o ex-tesoureiro da Junta Geral do Distrito, Jorge Pinto Pacheco, autor do desfalque de 1.800 contos praticado ha tempos naquela repartição. O preso, acompanhado dos referidos agentes, chega hoje á estação do Rossio ás 6 e 55.

Conferencias

Realiza-se amanhã de tarde na sede da Juventude Catolica Feminina, largo do Poço Novo, a segunda conferencia de cultura espiritual do reverendo Luiz da Trindade (Thierry d'Argentiéu) provincial dos Carmelitas de Paris, sob o tema «A Mensagem de Tereza de Lisieux».

DE LUTO

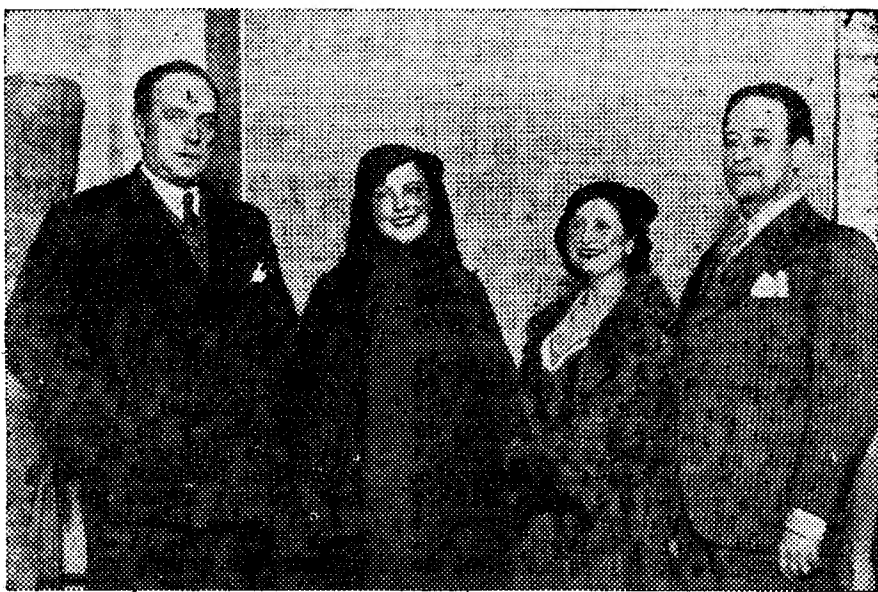
D. Tomaz de Vilhena

Sufragando a alma do sr. D. Tomaz de Vilhena, conde de Vila Flor, falecido ha 3 anos, reza-se amanhã missa, ás 11 horas, na basilica dos Martires.

Cultura cinematografica

Por absoluta falta de espaço, não publicamos hoje a nossa habitual pagina de cultura cinematografica, que reservaremos para amanhã.

“Heróis do Ar” a peça radiofonica do dr. Mario Monteiro



Os interpretes de “Heróis do ar.”

“Heróis do Ar”, o novo original em verso do dr. Mario Monteiro, que ontem foi radiofundido pela Emissora Nacional, constituiu um verdadeiro acontecimento no nosso meio radiofonico.

O ilustre advogado afirmou-se assim, mais uma vez, possuidor de uma tecnica perfeita e de um poder de criação pouco vulgar, pois produziu um trabalho notavel por muitos titulos. Aura Abranches foi uma maravilhosa “Mariana”, e todos os demais interpretes—Alexandre de Azevedo, Celeste Leitão e Fernando Pereira—se houveram á altura dos seus consagrados creditos artisticos.

Pena foi que a oração a Nossa Senhora do Ar não fosse ouvida como um murmúrio enquanto se afastava o avião que tinha subido.

Foi pena também que a orquestra, colocada em primeiro plano, bem como o simulado rumor da multidão não deixassem ouvir nitidamente a nota frizante que o autor pôs no contraste entre o avião que morre e outro que sobe logo no seu avião.

E, assim, quasi não foram ouvidos os versos finais que traduzem o espanto de “Mariana”: — *Ha sinos a repicar!* ao que lhe responde alguém, com entusiasmo:

*Para nós não é surpresa!
Viva a Patria Portuguesa!
E' outro que vai largar!*

E o novo herói sobe entre as aclamações, ouvindo-se, ao longe, os primeiros compassos do hino nacional.

NOTÍCIAS DE ESPANHA

Ecos da revolta das Asturias

OVIEDO, 11.—As autoridades militares ordenaram a dissolução do Sindicato Mineiro das Asturias em virtude de ter exercido uma acção preponderante nos ultimos acontecimentos revolucionarios.—(United Press).

Jimmy Walker em Madrid

MADRID, 11.—Chegou a esta capital o antigo governador de Nova York, sr. Jimmy Walker, que era aguardado por grande numero de norte-americanos, que lhe dispensaram uma carinhosa recepção.—(United Press).

Luta contra os piratas

HONG-KONG, 11.—Um guarda-costas que transportava soldados chineses surpreendeu um bando de piratas na ocasião em que assaltava o vapor «Ontong» e rompeu imediatamente fogo sobre ele. Depois de uma intensa luta, os soldados chineses conseguiram pôr em debandada os piratas, que levaram consigo três importantes comerciantes chineses que se encontravam a bordo do barco assaltado. Durante a luta morreram 15 piratas e foram presos 10.—(United Press).

Reclamação diplomatica

BUENOS AIRES, 11.—Anuncia-se que o ministro dos Negocios Estrangeiros da Argentina deu instruções ao Encarregado de Negocios em La Paz no sentido de exigir do governo boliviano explicações pelo facto de ter sido assassinado pelas tropas bolivianas um pacifico cidadão argentino.—(United Press).

O general Calles vai ser operado

GLENDALE, (California), 11.—Esta manhã, chegou aqui, de avião, o ex-presidente da Republica do Mexico, general Calles, que deu imediatamente entrada no hospital local, a fim de se sujeitar a uma melindrosa operação no estomago.—(United Press).

Tremores de terra na Turquia

ANKARA, 11.—Os sismos que se produziram de 4 a 8 do corrente foram particularmente violentos nas regiões de Broek e Depoudas, onde ficaram 364 predios completamente destruidos e parcialmente 922. Registaram-se cinco mortos e 14 feridos.—(Havas).

O julgamento de Hauptmann

FLEMINGTON, 11.—O dr. Reilly espera convencer o juri de que o rapto do filho de Lindbergh foi um crime de «gangsters» e que Condon está implicado no caso. A filha de Condon, Mrs. Hacker, não ponde garantir sob juramento que a fotografia de Isidore Disch, apresentada pela defesa, não seja a do individuo que entregou a seu pai a nota em que se pedia o resgate.—(Havas).

O casamento da infanta Beatriz

ROMA, 11.—O ex-infante D. Jaime, irmão da princesa Beatriz, e D. Carlos de Bourbon, seu primo, serão padrinhos de casamento desta com o principe Torlonia, por parte da noiva. Os padrinhos do noivo são: o principe, Luigi Chigi e D. Alessandro de Torlonia. Os presentes continuam a afluír. Entre outros citamos um serviço de prata para 12 pessoas, oferta da «Renovacion».—(Havas).

Sortida tragica de lobos

BUCARESTE, 11.—Os lobos entraram numa aldeia de Bukovina, espalhando o panico. As feras devoraram uma petiza e atacaram um carroceiro, que só se salvou por ter trepado a uma arvore. Os lobos, porém, devoraram os dois cavalos da carroça. O carroceiro teve tanto medo, que ficou mudo.—(Havas).

A situação financeira do Brasil

RIO DE JANEIRO, 11.—O ministro das Finanças, conforme a resolução tomada em Conselho de gabinete, partiu para Washington, onde vai tratar das questões financeiras do Brasil, e nomeadamente do acordo relativo ao pagamento das dividas estrangeiras.—(Havas).

Boato que se desmente

ROMA, 11.—Nada se sabe acerca duma pretensa concentração de tropas ao norte da Italia, cujo boato teria corrido no estrangeiro. Tudo leva a crer que este boato é infundado.—(Havas).

O trafico de estupefacientes

CHANGAI, 11.—Foram fuzilados mais dois fabricantes de estupefacientes.—(Americana).

Quem é o pai da criança?

Como então se noticiou, na vespera do Ano Novo apareceu em casa do sr. João de Oliveira, na rua da Imprensa Nacional, um petiz com um extranho presente: uma criança recém-nascida.

A dona da casa recusou-se, naturalmente, a receber a encomenda, e, entregue a criança á Santa Casa da Misericórdia, foram as investigações policiaes confiadas ao agente Baldy Belem, que só sabia, de principio, chamar-se Rosa e ter estado a servir em casa do sr. João de Oliveira a misteriosa remetente.

Baldy Belem, na impossibilidade de lhe descobrir o paradeiro, fez publicar anuncios nos jornais, a pedir uma criada para casa de pouca família, assim conseguindo deitar a mão, ontem, á mãe do pequenito.

Interrogada no Tórel, afirmou que o sr. João de Oliveira, ao contrario do que declara e garante, é o pai da criança e que esta nasceu em principios de dezembro, na Maternidade.

Acrescentou que, tendo casado ha quatro meses com um *chauffeur*, foi este quem a aconselhou a mandar o recém-nascido ao pai.

A Policia vai fazer analisar o sangue do patrão e do marido da Rosa, para averiguar qual deles é o pai da criança.

PUBLICAÇÕES

Novo diario

Pedro Muralha vai lançar novo jornal com este titulo—«Jornal de Meio-Dia». Propõe-se, á semelhança do que se faz lá fora, publicar o noticiario nacional e estrangeiro que aparecer, entre as seis horas da manhã e o meio dia. Será editado pela sociedade em organização «Alentejana Editora».

«Revista Portuguesa»

A «Revista Portuguesa», consagrada a propaganda e turismo, dirigida pelo visconde do Porto da Cruz, illustrada a cores, é no seu genero uma publicação digna de aplauso, por ser apresentada com esmero e arte.

Constitui um autentico «Magazine» pela variedade de texto e pela copia de informações.

Gremio Lirico Português

O programa do concerto que o Gremio Lirico apresenta amanhã durante o chá, que aos sabados reúne nos seus salões uma elegantissima e distinta concorrencia, é dos mais notaveis. Faz-se ouvir um notavel trio composto das distintas artistas D. Camila Santos, D. Irene Diniz e D. Ofelia Freire, admiravel conjunto artistico de violino, violoncelo e piano, que executará o «Rêve d'amour», de Liszt. No violino executará ainda D. Camila Santos a «Mazurka» de Wieniawski, e D. Irene Diniz executará também a solo no violoncelo a «Serenade Espagnole», de Glazunow e a «Tarantella» de Popper, acompanhadas ao piano por D. Ofelia Freire.

Universidade Tecnica de Lisboa

Chegou ontem a Lisboa o prof. Daniel Faucher que, conforme noticiámos, vem realizar no Instituto Superior de Ciencias Economicas e Financeiras, á rua do Quelhas, um curso de Geografia Agraria, em 8 lições.

O ilustre professor teve uma calorosa recepção, vendo-se na estação do Rossio bastantes professores universitarios e membros da colonia francesa.

A aviação no Chile

SANTIAGO DO CHILE, 11.—O ministro de Defesa Nacional resolveu construir uma rede de campos de aviação ao longo das fronteiras terrestres e maritimas do Chile. Vai fazer-se uma intensa propaganda no sentido de interessar no plano as autoridades locais e particulares.—(Americana).

Pierre Hourcade

S. PAULO, 11.—O sr. Pierre Hourcade, que realizou um curso de literatura francesa na Faculdade de Letras de Lisboa, é esperado em S. Paulo em meados de fevereiro, a fim de reger a cadeira de literatura francesa recentemente criada pela Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade de S.

A produção do algodão

NOVA YORK, 11.—A colheita do algodão está calculada em 9.634.000 fardos de 226 quilos cada. A produção de 1933 foi de 13.047.262 fardos.—(Americana).

Os autogiros na esquadra inglesa

LONDRES, 11.—Segundo o «Daily Telegraph», o Almirantado resolveu dotar a esquadra inglesa com uma frota de autogiros.—(Havas) Paulo.—(Americana).

A ABERTURA SOLENE D

O chefe do Estado dirigiu uma mensagem em que história largam



O presidente da Assembleia Nacional á chegada a S. Bento

(Continuação da 1.ª página)

director do material de guerra, tenente-coronel Luiz de Moura, Leal Marques, general Silva Basto, chefe do Estado Maior do Exército, coronel Lopes Mateus, general Adolfo Pina, comandante da Escola Militar; dr. Castro Osorio, director geral da Segurança Publica, governador civil do Porto, general Alexandre Malheiro, comandante da Guarda Fiscal; embaixador Teixeira de Sampaio e muitas outras individualidades quasi todos com senhoras de familia.

O primeiro ministro a chegar foi o da Instrução, que foi seguido a espaços curtos pelos seus colegas da Guerra, Colonias, Obras Publicas, Justiça, Marinha, Comercio, Agricultura, Estrangeiros e Interior e sub-secretarios de Estado das Colonias e das Corporações.

Foi «madame» Arminde Monteiro a primeira esposa de ministro a chegar ao Palacio, sendo acompanhada até á sala da Assembleia Nacional pelos srs. capitão Santana e dr. Antas de Oliveira, do Protocolo do Estado, que igualmente acompanharam á tribuna que lhes fora destinada as esposas dos restantes membros do governo.

A esposa do sr. general Carmona, acompanhada por uma das suas filhas não foi também das ultimas senhoras a chegarem. Os dois referidos elementos do Protocolo receberam á porta do Palacio as duas senhoras e acompanharam-nas igualmente até á tribuna.

Quando o sr. general Eduardo Marques, presidente eleito da Camara

Corporativa, fardado e com a sua faixa da Grã-Cruz do Imperio Colonial, entrou no edificio o clarim da G. N. R. que se encontrava no atrio, tocou a sentido e as forças da guarda de honra apresentaram armas, com solenidade.

Pouco depois, chegou o sr. dr. José Alberto dos Reis, presidente da Assembleia Nacional, que foi saudado com o mesmo cerimonial do seu colega da Camara Corporativa.

Aproximava-se a hora da chegada dos srs. presidentes da Republica e do Conselho. No atrio do Parlamento começaram a juntar-se os membros do governo, as delegações de deputados ontem designados para a recepção, pessoal de gabinetes e os srs. Barreto da Cruz, tenente-coronel Esmeraldo Carvalhais, capitão Santana, drs. Antonio Seves e Antas de Oliveira, do Protocolo.

A's três menos um quarto, chegou o sr. Cardinal Patriarca, que foi recebido ao cimo da escadaria pelos presidentes da Assembleia Nacional e Camara Corporativa, que ajoelharam e lhe beijaram respeitosamente o anel.

Dos convidados já não faltava ninguém. Esquadrilhas de aviões de Alverca e da Amadora começaram a sobrevoar o edificio parlamentar.

Um leve movimento começou a agitar a assistencia. Todos olhavam ansiosamente a embocadura da avenida Presidente Wilson, para cujas bandas se ouviã alguns «vivas» e palmas. O ruido seco das armas indicava que as forças da parada se preparavam para cumprir uma voz de comando—apresentar armas. A guarda avançada da escolta presidencial chegou finalmente a S. Bento e alguns momentos após estavam em frente do Parlamento as forças de cavalaria 7 e lanceiros 2, que acompanhavam a carruagem do sr. general Carmona.

A banda da Marinha rompeu com os acordes da «Portuguesa» e o grande carro descoberto parou, por fim, ao fundo da escadaria—tram justamente 15 horas.

Primeiro desceu o sr. dr. Oliveira Salazar, com o seu aspecto grave, talvez um pouco emocionado. Depois, o sr. general Carmona, sorridente, cumprimentando com certa afectuosidade.

Ao cimo dos degraus de cantaria branca, sob os novos pilares construídos de cimento, encontravam-se, formando alas, as varias individualidades que aguardavam os chefes do Es-

tado e do governo, que apertaram a mão dalgumas delas, cumprimentando com solenidade.

Acompanhados por todos os presentes os srs. general Carmona e dr. Oliveira Salazar, atravessaram o atrio central do edificio e subiram a escadada do fundo, até ao andar nobre do Palacio. Ai, enquanto a maior parte da comitiva entrava para a sala da Assembleia Nacional, os srs. Presidentes da Republica e do Conselho, dirigiram-se ao gabinete do presidente da Assembleia Nacional, onde descansaram durante alguns momentos.

Após curtos minutos, os dois homens de Estado, já sem abafos, o primeiro em grande uniforme e o segundo de casaca, surgiram na sala dos Passos Perdidos, precedidos por dois funcionarios do Parlamento, com os seus uniformes característicos.

Uma orquestra, colocada ao fundo da sala, executou a «Portuguesa» e os srs. general Carmona e dr. Oliveira Salazar entraram na sala da Assembleia Nacional.

A entrada do Chefe do Estado

Eram 15 e 15, quando o sr. Presidente da Republica subiu a escadada atapetada da tribuna da presidencia, seguido pelo chefe do governo e pelos presidentes da Assembleia Nacional, da Camara Corporativa e do Supremo Tribunal de Justiça.

A assistencia, que emprestava á sala um aspecto solene e grandioso, levantou-se. Dos Passos Perdidos vinham os ultimos acordes do hino nacional. A iluminação, reforçada com poderosos holofotes, para a filmagem do acontecimento, fazia rebrilhar as comendas nos peitos constelados de insignias. A purpura do sr. Cardinal Patriarca, dava uma nota garrida, e ao mesmo tempo grave na tribuna da familia do Chefe do Estado, onde o chefe da Igreja se sentara, á esquerda de madame Carmona.

Na tribuna do Corpo Diplomático, destacava-se por sua distincção, entre tantas fardas de ouro, a figura gentilissima de Lady Russel, embaixatriz da Inglaterra.

O sr. Presidente da Republica senta-se. A sua direita ficam o chefe do Governo e o presidente da Camara Corporativa. A esquerda, os presiden-

tes da Assembleia Nacional e do Supremo Tribunal.

Pelas escadas alinham continuos. Todas as luzes estão acesas. O sr. dr. José Alberto dos Reis pede licença ao Chefe do Estado para abrir a sessão, levanta-se, e em voz forte, declara:

—Está aberta a sessão...

Nesse momento, o chefe do Estado levanta-se e entrega ao presidente da Assembleia a sua mensagem, dizendo:

—Solicito de V. Ex.ª se digne proceder á leitura da mensagem que tenho a honra de dirigir á Assembleia Nacional.

O sr. dr. José Alberto dos Reis, de pé, profere então estas palavras:

—Vou ter a honra de ler a mensagem que S. Ex.ª o Presidente da Republica se digna dirigir á Assembleia Nacional.

Faz-se ainda um maior silencio. Não ha um lugar nas galerias.

A mensagem presidencial

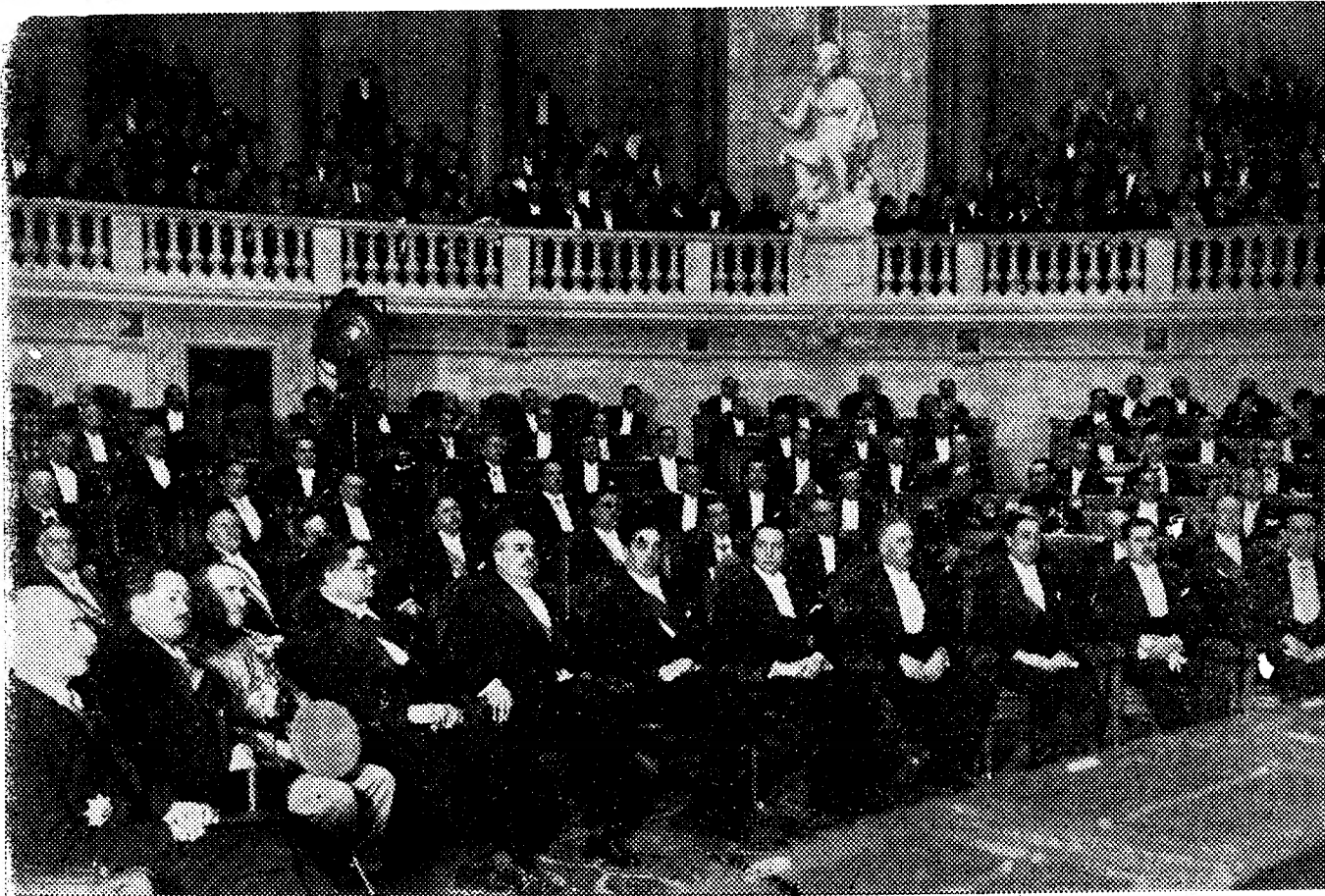
Lá fora ouve-es troar a artelharria, registando a abertura solene da Assembleia Nacional. E o sr. dr. José Alberto dos Reis começa a leitura da mensagem presidencial concebida nos seguintes termos:

«Ao Senhor Presidente da Assembleia Nacional—São excepcionais, mas não deixam de ser animadoras, as circunstancias em que me dirijo á Assembleia Nacional, depois de tantas vicissitudes da Republica.

Em quasi todo o periodo decorrido de outubro de 1910 a maio de 1926, as divisões e lutas internas, que aliás vinham já de longe, mas se enraizaram e intensificaram no novo regime, agravavam cada vez mais a situação de Portugal. O espirito de facção, de intolerancia, de anarquia começando mal-avisadamente por ferir as creanças dos portugueses, tornara instavel a chefia do Estado, minara a força dos Governos, desordenara a administração, desorientara a economia, e tendia a arruinar a Nação, arriscando perigosamente o seu destino. Debalde surgiu contra alguns dos males a generosa tentativa do Presidente Manuel de Arriaga e do General Pimenta de Castro, em 1915; em vão se ergueu também o heroismo de Sidónio Pais para vencer a desordem em que se abismava o Estado e de que aquele veio a ser a vitima infeliz.

Continuaram desde então a agravar-se as calamidades nacionais, e a consciencia publica reclamou por fim, como caso extremo de salvação, que o Exército, unica força ainda organizada na desorganização geral, tomasse sobre si banir da governação as engrenagens partidárias e criar as condições do Governo para a obra de renovação que urgia fazer em Portugal. Foi já com essa aspiração que eclodiu ainda sem exito, o movimento de 18 de Abril de 1925; foi com o empenho de realizá-la que o Exército deu em 28 de Maio de 1926 o golpe decisivo. Constitui-se então a Ditadura Nacional (e verdadeiramente nacional pela sua ideologia, pelos seus processos e pelos seus objectivos) que, firmando-se contra todas as reacções inimigas no mesmo sistema de apoios em que se originaram, abriu com novos processos de governação e outro direito constitucional, uma era de verdadeira renascença na historia patria.

Ocupando por dever o primeiro posto do Estado, quasi desde os primeiros dias da Ditadura, posso assinalar—e faço-o com jubilo—que Portugal, mercê do trabalho dos Governos e da leal dedicação da força armada, mercê de patriotismo e espirito de sacrificio do seu povo, lançou através das dificuldades herdadas e das que lhe advieram pela crise de todo o Mundo desde 1930, as bases da reconstrução nacional. A estabilidade da Presidencia da Republica, a força do Governo, a segurança interna,



um aspecto da sala da Assembleia durante a sessão inaugural

ASSEMBLEIA NACIONAL

Mensagem de saudação ao Parlamento

ante a obra da Ditadura

a confiança publica, a formação de forte consciencia nacional—garantias essenciais da ordem e do trabalho na paz—são conquistas definitivamente asseguradas. O alto pensamento e proposito de promover a união dos portugueses para o engrandecimento pátrio, pela coexistência pacifica das opiniões, pela combinação possível das melhores tradições e das inovações verdadeiramente progressivas e benéficas, pela conciliação dos interesses nas relações economicas e sociais, predomina felizmente nas leis, nos costumes e nos factos.

A obra de ressurgimento material e moral do Estado e da Nação, exigida pelo atraso e abatimento gerais, foi traçada com a largueza compatível com os recursos e ainda assim empreendida com tão vigoroso impulso como não se havia ainda presenciado em tão curto lapso de tempo. Estão bem cimentados os alicerces, e, adiantados ou completados os estudos que em vários campos se ordenaram; ver-se-á como rapidamente ainda sobem os muros da construção na esfera da assistência, da justiça, da instrução, das obras publicas, das comunicações, do commercio e da agricultura a que dão consistência e estímulo a ordem das finanças e o equilíbrio do Tesouro.

O Acto Colonial, a Constituição Política, os próprios Estatutos da União Nacional sintetizaram os mais altos ideais da restauração e da grandeza pátrias que podiam ser confiados à intelligencia, ao coração, ao esforço das novas gerações. Crêem os responsáveis pela suprema direcção do Estado que está ali na essência, e salva uma ou outra realiação de pormenor, o programa de direito politico, social, economico, familiar, individual, assente na realidade de algumas verdades supremas, nas tradições pátrias, nos factos indestrutíveis do nosso tempo, nas esperanças que legitimamente podem alimentar os que hão-de garantir a Portugal a existencia independente, o progresso material e moral e a sua especial feição historica de um dos mais expressivos factores da civilização humana. Basta que se desentranhem em leis e informem efectivamente os actos da vida nacional, os principios consubstanciados naqueles documentos.

Com esse sentido profundo de renascimento nacional, se realizaram logo alguns dos maiores actos que logicamente se deviam colocar no ponto de partida: o restabelecimento da marinha de guerra, em que tão auspiciosamente tem colaborado o trabalho português, a Carta Organica do Imperio Colonial, a Reforma Administrativa do Ultramar, a reeducação da consciencia colonial, pelos factos da politica seguida e por intensa propaganda de que a Exposição do Porto foi já apreciadissimo factor.

Começou-se a organização corporativa do Estado Novo, dominado pela equidade e prudencia do Estatuto do Trabalho. Ai se consubstanciaram os principios orientadores da economia e das relações entre os factores que nela intervêm, e ainda que esses conceitos estejam muito distanciaes dos que antes constituíam o pensamento economico do Estado, dos particulares a evidencia mesma da sua verdade, da sua justiça, do seu disvelo pelo interesse da economia no conjunto e em especial de todos os trabalhadores, vão facilitando a expansão da doutrina e as realizações sindicais, setabalecendo fecundo e consolador ambiente de paz no trabalho e apressando a constituição do Estado Corporativo.

Por seu lado as comissões administrativas, libertas do partidario que envenena a gestão dos negocios regionais e locais, entregaram-se, com o decidido auxilio do Estado, a melhoramento de toda a especie, que em muitos casos ficam tambem marcando uma epoca de fomento e de elevação

das condições de vida dos pequenos centros e nos meios rurais. A vitalidade municipal não definhou por acção depressiva do Estado forte, antes se reanimou sob o influxo dos novos principios administrativos e sob o impulso de muitas boas vontades despertadas para o serviço do interesse geral e mostra que, devidamente orientada, pode ser um dos mais fecundos elementos do nosso ressurgimento.

Os velhos partidario e parlamentarismo depois de se haverem desacreditado pelas suas obras desapareceram em virtude das providencias e beneficios da Ditadura Nacional pela preponderancia do interesse comum da ideia de Nação organizada e pela evolução da mentalidade geral cada vez mais hostil á repetição de erros passados e mais afecta ás instituições que, baseadas na experiencia propria e alheia, vamos fazendo surgir. Tudo parece disposto nas leis, nos novos costumes, nas necessidades existentes para se não reincidir; demais, ninguém comprehendia que isso fosse possível.

Seguindo por todos estes caminhos Portugal tem ao mesmo tempo afirmado o seu cuidado em conservar e desenvolver no exterior a posição derivada da sua autonomia financeira, dar eficiencia e sentido aos laços da antiga aliança com a Inglaterra, manter boas relações de amizade com todos os povos e activar a sua cooperação com os outros Estados na organização da paz. A elevação simultanea da sua politica interna e das suas atitudes internacionais trouxe ao País, fóra das fronteiras, uma situação apreciavel. Teria sido vão procurar conquistá-la sem a resolução aqui dentro dos problemas fundamentais da administração publica e da vida politica, como seria vão intentar desenvolvê-la sem o prestigio e sem o esforço das nossas condições de existencia e dos nossos meios de defesa. Mas não ha duvida de que as posições conquistadas, designadamente na Sociedade das Nações, auguram influencia cada vez mais lata do nosso País na politica internacional.

E' vasta a acção realizada pela Ditadura Nacional desde 1926, mas não é por se supor adiantada ou quasi concluida que se constituíram as Camaras, nos termos descritos pela Consti-

tução. Tal juizo seria errado quanto ao programa ainda para realizar e quanto á capacidade dos órgãos criados para ajudar a levá-lo a cabo. Devemos antes supôr que, resolvidas as maiores dificuldades e cheios os caboucos em que só reduzido numero de operarios podia ser admitido ao trabalho, tomou a obra desenvolvimento bastante para poderem ser chamados mais numerosos colaboradores, sem perigo de mutuamente se embaraçarem ou de ser prejudicada a traça principal. Nem pode haver receio de que a todas as boas vontades congregadas á volta do interesse nacional venha a faltar o trabalho, pois é vastissima a obra que em prolongamento da realizada e em harmonia com a primeira parte da Constituição, com o Acto Colonial e com o Estatuto do Trabalho, deve ainda ser empreendida. Na parte material tem de continuar a fazer-se ou a promover-se por todos os ministerios a transformação por que o país anseia e que a legislação ditatorial traçou nas suas grandes linhas. E' designadamente necessario completar os planos e projectos fundamentais e adoptar as soluções praticas para o justo incremento da defesa nacional pela reforma e armamento do Exército e reorganização da Armada, para uma intensa reconstrução economica nos meios de viação, na produção e distribuição de electricidade, na hydraulica agricola, na irrigação e colonização interior, nas ligações de Portugal e do seu Imperio e no credito colonial, sem esquecer ou remover para segundo plano tudo o que vem sendo preparado a favor da instrução em todos os ramos e das suas instalações materiais. Para estes e outros fins o Governo apresentará as propostas mais urgentes e como a Camara tem poderes constituintes, uma das primeiras será certamente tendente a introduzir algumas modificações na Constituição, indicadas já pela experiencia da sua vigencia ou dispostas a assegurar dentro da organica do Estado Novo, mais assidua colaboração ao Governo por parte da Camara Corporativa.

Se ha síntese que possa definir os objectivos que a Ditadura Nacional tomou para si e quer confiar á perseverança e continuidade da sucessão constitucional—é a existencia duma governação forte, ao mesmo tempo tradicionalista e progressiva, capaz de imprimir á vida nacional a direcção superior, e dotada de autoridade eficaz na concorrência das funções poli-



O presidente da Camara Corporativa á chegada a S. Bento

ticas, sociais e economicas das colectividades e dos cidadãos. Verificado que, assegurada ela, vem tudo o mais por acrescimo, é dever de todos trabalhar na medida do possível por não atentar contra essa fecunda realidade, garantia suprema de uma politica tendente a fazer Portugal prospero e forte, no seu patrimonio peninsular e no seu Imperio Ultramarino.

Espero da Assembleia Nacional o reconhecimento do esforço patriótico da Ditadura e o concurso que a ela e á Camara Corporativa será solicitado para se avançar na estrada que delineou. Oito anos e meio de experiencia, a tantos titulos notavel, provaram eloquentemente que se pode contar com as virtudes e energias da Nação para todos os empreendimentos exigidos pela sua integridade, prestigio e progresso. Esse pensamento nos dará sempre força para servi-la até ao sacrificio.

Para terminar, é-me grato deixar aqui consignado o meu profundo reconhecimento para com todos aqueles que, com os olhos fitos na Patria, têm dado o melhor do seu esforço para bem servir. E' de elementar justiça destacar a acção altamente patriótica e tão eminentemente notavel do presidente do Conselho, doutor Antonio de Oliveira Salazar.

Finda a leitura, a assistência, de pé, tributa ao chefe do Estado, uma prolongada salva de palmas.

Restabelecido o silencio, o sr. dr. José Alberto dos Reis, dá a palavra ao sr. dr. Albino dos Reis, para em nome da Assembleia Nacional, responder á mensagem do chefe do Estado.

(Ver continuação na 8.ª pagina)



A chegada do cortejo presidencial ao largo das Côrtes

DORITA DEL MONTE

Como era de esperar, a estrela ontem no alegre «cabaret» Olympia, desta empolgante artista constituiu o maior sucesso da temporada, sendo



multo aplaudida e bisada pela selecta e numerosa assistência que enchia aquele elegante salão.

Dorita del Monte teve a felicidade de reunir ao seu valor de artista de fama mundial, uma orquestra composta por alguns dos melhores elementos musicos da capital. Referimo-nos a «Orquestra Olympia», sem duvida uma das melhores do país.

Uma causa comercial

Procurou-nos o sr. Berens Freire, advogado da firma Jaime Dosser & Flores que, documentadamente nos mostrou que na questão suscitada entre o seu cliente e o sr. Adriano Bento de Oliveira, o tribunal não deu como provado que as letras base da execução fossem aceites como garantia duma divida falsa. O processo ainda não foi resolvido definitivamente, visto estar em recurso.

Colhido pelo comboio

SANTAREM, 11 (Pelo telefone).—Entre as estações de Santana e Vale de Santarem, foi colhido mortalmente esta manhã por um comboio de mercadorias o menor de 16 anos Herminio da Silva, do Cartaxo, filho do chefe de 3.ª classe do Setil, sr. Jaime Alfredo da Silva.

Curso de Psicologia Individual

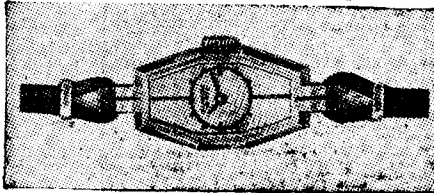
Hoje, pelas 21 e 30, a sr.ª Cógan-Migueis realiza na sede da Sociedade de Estudos Pedagogicos, rua da Fé, 53, 1.ª, uma lição de Psicologia Individual subordinada ao tema: «O Nervosismo. O mecanismo da turbulencia, da teimosia, da preguiça, dos varios defeitos e perturbações da linguagem».

Lisboa Gimnasio Club

Amanhã, ás 22 horas, realiza-se no Lisboa Gimnasio Club, uma festa dedicada aos novos socios admitidos no ano findo. O programa consta de varios numeros desportivos, bailados infantis e baile.

Intoxicação pelo gás

No hospital de S. José faleceu hoje Joaquim Maria, de 26 anos, morador na rua Tomás Ribeiro, 24, 2.ª, uma das duas irmãs que ha dias ali deram entrada intoxicadas pela acção do gás illuminante.



Aprecie os novos modelos do

TORROAES

Garantia absoluta

Todas as marcas
Todos os preços

119 — R. DA PRATA — 123
Telef. 27210

BARATA & VIEIRA

Talho e salchicharia
Carne de porco, vaca, vitela e carneiro
das melhores procedencias.
Fornecedores de hotéis, hospitais, etc.
Calçada de Sant'Ana, n.º 68

MUNDANISMO

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Julia da Silveira Viana Talone da Costa e Silva, D. Maria Antonia Tavares de Almeida Carvalho, D. Ester Buzaglio Feio Folque, D. Maria Inez Lobo Bandim Dase, D. Olinda Gabriela Xavier de Barros Neves e D. Maria Beatriz Rocha Veloso.

CASAMENTOS

Pela sr.ª D. Maria Correia de Lacerda Felix, esposa do coronel do Estado Maior sr. José da Costa Felix, foi pedida em casamento para seu filho José Francisco, distinto cirurgião assistente da Maternidade, a sr.ª D. Maria Margarida Peixoto, gentil filha da sr.ª D. Mary Peixoto e do nosso querido amigo illustre engenheiro sr. Rodrigo Peixoto, director do Banco Lisboa e Açores, devendo a cerimonia realizar-se brevemente.

A CARIDADE

No Nacional

A comissão organizadora da recita de caridade, que na tarde de quinta-feira, 17 do corrente se realiza no teatro Nacional Almeida Garrett, a favor de varias obras de beneficencia, é composta das sr.ªs D. Ana Mayer de Carvalho, D. Helena Mauperrim dos Santos Ferrão de Castelo Branco, D. Joana Folque de Azevedo Souto e D. Maria de Lancastre Van-Zeller. Os poucos bilhetes que restam de camarotes de segunda ordem, ao preço de 80\$00, e de plateias, ao preço de 20\$00, devem ser requisitados a qualquer das senhoras da mesma comissão.

PONTOS DE REUNIAO

Na Garrett

O elegante restaurante «A Garrett» que continua a marcar pela selecta concorrência, tanto á hora do almoço, como do «chá» e jantar, mas sobretudo á do «chá» em que nos recorda ter visto ali as seguintes sr.ªs:

D. Monica de Almeida e Vasconcelos, D. Fanny Fonseca, D. Maria Adelaide da Cos-

ta Barros Serra, D. Maria da Piedade Penalva de Almeida e Vasconcelos, D. Maud de Mendonça, D. Margarida de Oliveira Aguiar, D. Maria Joana Rino Frois Mousinho de Albuquerque, D. Aurora de Albuquerque, D. Alice Lopes de Almeida Smith, D. Irene Oliva de Sequeira de Avila e Bolama, D. Maria Albertina de Mendonça da Costa Cabral, D. Maria do Loreto Manuel de Borja Trindade, D. Maria Luiza e D. Sara Maria de Serra e Moura de Lemos Lisboa, D. Maria Luiza Pedrosa Barata, D. Maria Izabel Aguiar, etc.

Na noite de sabado 19 do corrente, realiza-se neste elegante restaurante, uma «ceia á americana» que será abrilhantada pela «ximia orquestra «jazz-band» privativa marcando-se desde já mesas pelos telefones 2.6163, sendo o preço da «ceia» (incluindo marcação de mesa) de 35\$00.

EM VIAGEM

Encontram-se já na Quinta do Balco, em Vilar de Andorinha, Vila Nova de Gaia, com seus filhos, os srs. condes de Pago de Vitorino.

—Acompanhado de sua esposa, a sr.ª D. Alda Ferraz de Sousa Rego, e sua filha, regressou do Porto, o sr. Carlos de Sousa Rego.

—Vindo de Elvora, encontra-se em Lisboa, o nosso querido amigo e brilhante poeta, sr. João Augusto de Vasconcelos e Sá.

—Regressou do Porto, com sua enteada a sr.ª D. Maria Cecília Pinto da Fonseca de Sousa Rego, a sr.ª D. Maria Izabel de Avilez de Sousa de Rego.

—Acompanhado de sua esposa, a sr.ª D. Celestina Alves Machado de Oliveira, seu filho Raul e sua enteada a sr.ª D. Maria Izabel Alves Machado, encontra-se no Estoril, vindo do norte, o sr. Raul de Oliveira.

Gremio de Trás-os-Montes

No proximo domingo realiza-se no Gremio de Trás-os-Montes uma «matinée» dançante dedicada aos filhos dos socios daquela colectividade.

A AGENCIA
DE
RADIOFONIA
LIMITADA

32—RUA BARROS QUEIROZ—36
TELEFONE 29082 — LISBOA

Participam aos seus IX.ºs Clientes e portanto a todos os radiofilos de Portugal

QUE ACABAM DE CHEGAR
OS ULTIMOS MODELOS

ELECTREX

PARA ONDAS CURTAS E MEIAS

O TALHO N.º 28

Tem sempre abundancia de banha, toucinho, mureolas, farinheiras, oh unções do carne e de sangue e toda a especie de carne fumada das melhores regiões.

Carne de porco, vitela, vaca e carneiro

Fornece para hospitais, hotéis, casas de caridade, etc., nas melhores condições. Rua dos Fanqueiros, 14 (Mercado da P. da Figueira) — Telef. 2 8460.

TALHO E SALSICHARIA

DE

GUILHERME CANAS PEREIRA

Fornecedor dos principais hotéis, restaurantes, casas de beneficencia, hospitais e estabelecimentos militares

Secção de compras e vendas de toda a qualidade de gado bovino, lanigero e suíno, sob a direcção técnica de JULIO CANAS PEREIRA

PRAÇA DA FIGUEIRA, 5-6

Telefones { 25710
22930
43603

“O FIM DO MUNDO”

continua a atrair toda gente ao Coliseu. As duas grandiosas sessões desta noite

O publico exige todas as noites o espectáculo da deslumbrante fantasia «O Fim do Mundo» e por isso corre ao Coliseu, ás duas sessões que ali se realizam, com vibração e entusiasmo, para admirar a triunfante peça, onde encontra a alegria dos seus olhos e o encanto dos seus ouvidos. Porque «O Fim do Mundo» é uma fantasia cheia de cor e de lindissima musica. Pode ser vista vezes sem conto que nunca fatiga o espirito, antes o entretém, o alegra e o enche de um entusiasmo que é tanto maior quanto mais vezes se vai ver a maravilhosa peça. Os seus numeros novos são criticas de palpitante oportunidade, bailados altamente sugestivos, fados cheios de novidade e outras surpresas que quem não vê fica arrependido.

Domingo: ás 15 e 30: «Matinée» dedicada ás crianças e em que estas têm entrada gratuita se devidamente acompanhadas.

SUFRAGIOS

Francisco Gonçalves Oliveira

Comemorando o 1.º aniversario do seu falecimento reza se amanhã missa ás 9 e 15 na capela da Ordem Terceira do Carmo.

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21 e 30—«Sol Poente»
Apolo—A's 20 e 30 e 22 e 45—«Zé dos Pa-
catos».

Avenida—A's 21 e 30—«A vizinha do lado».
Maria Vitoria—A's 20 e 45 e 22 e 45—«Viva
a Folia».

Variedades—A's 20 e 45 e 22 e 45—«O Chico
das Pegas».
Coliseu—A's 20 e 30 e 22 e 45—«O Fim do
Mundo».

CINEMAS

S. Luiz—A's 21 e 30.
Tivoli—A's 21 e 30.
Politeama—A's 21 e 30.
Condes—A's 21 e 15.
Central—A's 21 e 30.
Olimpia—Das 14 e 30 ás 24.
Chiado Terrace—A's 21 e 15.
Royal-Cine—A's 21 e 15.
Capitolio—A's 21.
Paris Cinema—20,45—R. Domingos Sequeira.
Palacio—A's 21 e 30.
Jardim Cinema—21 e 30—Av. Alvares Cabral.



A base
da conservação
do carro...

Conserva a resplandência das cores, o brilho dos guarda-lamas, a fulgência do radiador e dos faróis e a duração do tejadilho ou da capota do seu carro, usando os Produtos «N.º 7». São duradouros, eficientes e económicos; representam a qualidade invariável dos produtos DU PONT.



N.º 7 Duco Polish
N.º 7 Auto Top Finish
N.º 7 Duco Wax
N.º 7 Metal Polish
N.º 7 Touch-up Black
N.º 7 Radiator Cleaner



BETHENCOURT BROS. LTD.
Rua Aurea, 132-138 — LISBOA

SORIA, LTD.
Rua Sá da Bandeira, 214-216 — PORTO

PELES
E CONFEÇÕES

Rua Fanqueiros, 376, 2.º

ESTRANGEIRO

ENCERADOS

PARA VENDA E ALUGUER TODAS AS
DIMENSÕES AOS MELHORES PREÇOS

JORGE SIMOES

23, Rua Vitorino Damásio, 24

do Jardim de Santos
TELEFONE 2 2263 — LISBOA

O MOMENTO INTERNACIONAL

Turvam-se os horizontes no Sarre

onde os nazis começaram
já a praticar violências

SARREBRUCK, 11.—Os diversos incidentes que se têm suscitado entre os partidos que se digladiam no Sarre fazem recear graves acontecimentos. A tensão aumenta de hora a hora, apesar da imparcialidade impressionante da Comissão do Governo. O melhor elogio que se pode fazer da forma como tem levado a cabo a sua missão reside no facto de cada partido lhe assacar toda a espécie de acusações.

A dois dias da data do plebiscito, enquanto os observadores neutros fazem os seus cálculos acerca do resultado eventual da votação, as paixões exacerbam-se. Aguardam-se revelações sensacionais, que consistiriam na publicação de documentos secretos acerca das manobras dos católicos. E nunca como agora se sentiu a utilidade das tropas internacionais, que são as únicas capazes de evitar que os grupos contrários entrem em luta aberta.

Entretanto, as previsões acerca dos resultados chovem de todos os lados. No campo da «Frente Comum» fala-se em 40 0/0 a favor da Alemanha e em 60 0/0 a favor do «statu quo». Os chefes da «Frente Alemã» falam de 80 0/0 a favor da anexação ao Reich e de 20 0/0 a favor do «statu quo».

As pressões dos nazis aumentam. O governo de Berlim receia que uma forte maioria ou uma forte minoria se manifeste a favor do «statu quo», o que o mundo possivelmente interpretaria como a condenação do regime em que actualmente vive a Alemanha, e não como o repúdio da própria Alemanha. Assim, e apesar das recomendações especiais feitas pelo governo de Berlim, empregam-se todos os meios para assegurar uma larga vitória. A violência começa a desempenhar o seu papel e o Sarre vive, em suma, com um território cercado por todos os lados.

No interior, a Comissão do Governo e as tropas internacionais esforçam-se por serenar os espíritos. O Partido Alemão mostra-se em público seguro da sua vitória. Estão já preparadas as girândolas, e informam de Berlim que o bispo do Reich ordenou que no dia do plebiscito os sinos de todas as igrejas toquem sem interrupção das 18 às 19 horas.—(Havas)

A campanha de intimidação

SARREBRUCK, 11.—A pressão exercida pelos nazis acentua-se por todas as formas. Desde há meses que os comerciantes judeus ou não simpatizantes do nacional-socialismo vêm a sua

clientela desaparecer. Os operários, intimidados pelos patrões a filiar-se no partido nazi, são despedidos se o não fazem. Nos cinemas «vantagens materiais consideráveis» levaram os directores daquelas casas de espectáculos a recusar os filmes americanos para só exibirem os de propaganda alemã. Nos quiosques só estão à venda os jornais favoráveis à Frente Alemã. Por toda a parte se fazem ameaças—nos estabelecimentos, na vida privada e até na própria rua. Esta situação prolonga-se há muitos meses. Nos campos a campanha é muito mais subtil: consiste simplesmente em visitas domiciliárias ou actos de influência exercidos pelo clero e de intimidações feitas à boca pequena.—(Havas)

Uma reunião especial da S. D. N.

LONDRES, 11.—Os correspondentes da Imprensa britânica em Genebra anunciam que corre ali a notícia de que se fixará uma reunião especial do Conselho da S. D. N., no mês de fevereiro, a fim de assentar sobre vários problemas que surgirão após o plebiscito do Sarre e que não poderão ser solucionados neste momento. Contudo, é opinião geral que os pontos mais delicados de todo o problema ficarão solucionados antes do fim da próxima semana.—(Havas)

A recusa da Alemanha

em participar da reunião
do Conselho da S. D. N.

LONDRES, 11.—O governo alemão, no seu comunicado oficial, anuncia que declina o convite que lhe foi dirigido para se fazer representar na reunião do Conselho da S. D. N. ao ser debatida a questão do Sarre. Conforme se noticiou, esse convite foi levado a cabo por sir Eric Phipps, embaixador da Gran-Bretanha em Berlim, após consulta aos governos de Roma e Paris.

O comunicado alemão declara que o governo do Reich, tendo anunciado a sua retirada da S. D. N. por uma questão de princípios, não julga útil ir ao encontro da diligência efectuada pelo representante do governo de Sua Majestade Britânica. Os correspondentes em Berlim dos jornais londrinos não manifestam qualquer surpresa em face do comunicado alemão. O «Daily Telegraph» considera essa decisão como pouco habil, visto que a representação do Reich no Conselho da S. D. N., neste momento, não comprometeria de modo algum as vantagens de ordem diplomática ou o prestígio alemão que

o governo supôs ter ganho com a sua retirada de Genebra.

—«Seria no seu próprio interesse—escreve aquele órgão—que a Alemanha deveria fazer ouvir a sua voz e a sua opinião, no momento em que se tomassem disposições quanto ao futuro do Sarre, quaisquer que essas fossem».

O «News Chronicle» diz que a Alemanha «teria dado uma prova de bom senso fazendo-se representar numa reunião em que serão tratados, não só os seus como os interesses de todos os países».—(Havas)

Comentários franceses

PARIS, 11.—O «Petit Parisien» comenta assim a recusa da Alemanha em tomar parte nos trabalhos da S. D. N., quando esta se ocupar do plebiscito do Sarre: Esta rigidez de princípios pode explicar-se pelo receio de Berlim em ver a Alemanha tomar o caminho de Genebra antes de ter obtido a concessão, que julga indispensável, do reconhecimento da igualdade de direitos em teoria e de facto.

Também é possível—acrescenta—que o Reich considere as decisões da S. D. N. como de importância mínima, convencido de que a maioria dos sarrenses se pronunciarão a seu favor e de que então será senhor da situação.

Alguns jornais vêem na atitude do governo de Berlim uma intenção habilidosa ou um propósito de intimidação.—(Havas)

Em vez da tranquilidade a que deveriam dar lugar as resoluções, tão francas como escrupulosas do «Comité» dos Três, paira sobre o Sarre a ameaça dum conflito grave entre os partidos que se vão defrontar no domingo.

Esta constatação não é de molde a facilitar a tarefa da Comissão do Governo e do Conselho da Sociedade das Nações, extraordinariamente reunido, a partir de hoje, para se ocupar do caso.

A tensão verificada, em seguida aos acordos de Roma, pode complicar e perturbar novamente a atmosfera de relativa tranquilidade que se havia criado.

O telegrama da Havas alude a um recrudescimento das pressões nazistas, compreensível perante a atitude assumida por alguns núcleos de católicos durante os últimos dias.

O resultado da votação, dependente desses elementos, parece mais do que nunca duvidoso.

A propaganda (o vocabulo toma neste caso as mais diversas e comprometedoras significações) exerce-se com uma violência característica; não convence, talvez, mas ameaça reabrir hipóteses sobre um futuro que todos receiam.

Uma forte maioria terá, em qualquer hipótese, significação idêntica à duma forte minoria: a primeira, como a segunda, manifestando-se a favor do «statu quo» provocará um problema de separatismo que, de acordo com a letra do tratado, teria de ser resolvido pelo organismo de Genebra.

A Europa vai de novo atravessar horas amargas, receando a aplicação de meios violentos por parte de elementos antagonicos que projectam, no plano da politica internacional, os seus motivos de divergencia no interior.

O fim dum lindo sonho

Foi assim que Mary Pickford classificou o seu divórcio

LOS ANGELES, 11.—Confirma-se que a famosa estrela cinematográfica Mary Pickford ganhou ontem, no tribunal desta cidade, a acção de divórcio que intentara contra seu marido, o conhecido actor do cinema Douglas Fairbanks.

Mary Pickford compareceu perante o juiz, sorridente, mais bela do que nunca, embora o seu rosto revelasse uma certa tristeza, que a todo o custo não queria deixar transparecer. Respondeu a quatro perguntas que o juiz lhe fez, findas as quais foi imediatamente decretado o divórcio a seu favor.

A famosa «estrela», interrogada pelos jornalistas, contendo a custo um soluço e com os olhos marejados de lágrimas, disse: «E' o fim de um lindo sonho!».

Douglas Fairbanks, que se encontra em St. Moritz (Suíça), na companhia da sua amante lady Ashley, ao ser-lhe comunicado pelo representante da United Press naquela localidade que fora decretado o divórcio que a sua esposa intentara, limitou-se, sorrindo, a dizer: «Nada tenho a acrescentar ao que já por varias vezes disse aos jornalistas. Sinto-me feliz. Sou enfim livre e vou agora conhecer a vida tal qual ela é».—(United Press).

UMA EXCURSÃO TRAGICA

6 crianças mortas e 30 feridas

PILOT MOUNTAIN (Estado de Carolina do Norte), 11.—Uma camioneta que transportava crianças de uma escola primaria local, que se dirigiam em excursão escolar para um sítio próximo, chocou violentamente com um camião de carga, despenhando-se num abismo de 30 metros. Morreram seis crianças e encontraram-se hospitalizadas, em estado grave, trinta.—(United Press).

A situação na Albânia

TIRANA, 11.—Os Serviços da Imprensa Albanesa desmentem mais uma vez os boatos alarmantes postos a correr a respeito do movimento revolucionário albanês e negam que o rei ou a família real tivessem sofrido alguma coisa com essa revolução.—(H.)

As Sardinhas de Conserva constituem um acepipe dum riquíssimo sabor. E' um principio de almoço que fica bem em todas as casas.

Recuse as latas sem nome do fabricante.

A TOSSE

é sempre instantaneamente aliviada pelo uso das

Pastilhas VALDA
ANTISEPTICAS

Producto incomparavel CONTRA

os Doenças, Dóres de Garganta, Laringites, Bronchites, Grippe, Asthma, Emphysema, etc.

Encontram-se em todas as Farmacias e Drogeries EM LATAS com o nome VALDA Representante H. REYNAUD LISBOA

DAVID DA SILVA, L.^{TD}

apresenta o mais completo sortimento de

MALHAS DE LÃ
PARA CAVALHEIRO

das famosas marcas:

IAEGER (inglesa), IAEGER'S (alemã)
e **MORLEY (inglesa)**

pura lã, estambre qualidade garantida aos minimos preços

RUA DO OURO, 271



SE LHE DÓI

A GARGANTA

aplique sobre o pescoço uma pasta de

THERMOGENE

Algodão revulsivo e resolutivo, que produzindo calor, descongestiona os órgãos inflamados. Vende-se em todas as farmácias.



**Companhia das Fabricas
Ceramica Lusitania**
Grandes fabricas de bons pro-
dutos ceramicos de
 **TODOS OS GENEROS E PARA
 TODOS OS USOS**
Lisboa, Porto, Coimbra, Braga,
Setubal, Faro, Portimão e etc.
A CERAMICA QUE HONRA O PAIS!

ULTIMAS NOTICIAS

ODEON e PALACIO
A melhor de todas as comédias
de **EDDIE CANTOR**
Escandalos Romanos

NA FACULDADE DE LETRAS

Terminaram hoje as provas de doutoramento do dr. Vitorino Nemesio

Terminaram hoje as provas de doutoramento em Letras do ilustre escritor sr. Vitorino Nemesio que defendeu a sua tese sobre «A mocidade de Heróclano».

Ao juri, constituído pelo conselho escolar da Faculdade de Letras, presidiu o director deste estabelecimento, sr. dr. João da Silva Correia, assistindo ao acto o antigo professor e director da Faculdade sr. dr. Queiroz Veloso.

O arguente, sr. professor Hernani Cidade, analisou largamente o trabalho do candidato, louvando a sua importancia e criticando algumas passagens e pormenores.

No criterio do arguente o candidato aproveitou todas as fichas que tinha, sem as seleccionar com o cuidado necessario.

Em certa altura, referiu-se mesmo a uma erudição tão importante que poderia parecer impertinente, e á exaustão desnecessaria que o trabalho apresentado reveste.

A extensão e a densidade da tese constituem, quanto ao sr. dr. Hernani Cidade, os principais motivos que podem dar lugar a criticas. Sobre tudo, esses defectos apparecem mais salientes pondo-os em confronto com o titulo da obra que parece querer abranger apenas um periodo determinado da vida de Heróclano.

O candidato, que respondeu com grande vivacidade e brilho, esclareceu alguns dos pontos analisados pelo sr. professor Hernani Cidade.

Quanto ao sr. dr. Vitorino Nemesio, a extensão dada, no seu trabalho, ás influencias literarias anglo-germanicas justifica-se pelo proprio papel que Heróclano assumiu na introdução do romantismo em Portugal.

Entre o candidato e o arguente trocaram-se varias explicações sobre as passagens criticadas.

Ao acto assistiram muitos professores, escritores e estudantes das nossas escolas superiores.

Prof. Francisco Gentil

De regresso do Funchal, já se encontra em Lisboa o sr. professor dr. Francisco Gentil.

O eminente cirurgião, que se demorou na Madeira apenas o tempo indispensavel para colher os elementos necessarios para estabelecer as bases da organização hospitalar local, foi alvo duma significativa homenagem por parte dos medicos daquela ilha que num almoço realizado no terreiro da Luta, lhe testemunharam profunda admiração pelo seu alto merecimento.

Qual é afinal o melhor...

Só V. Ex.^a nos poderá responder, experimentando os pratos originaes de especialidade que se preparam diariamente no velho Café Restaurant Suíço. Servindo-se no Sabado—Feijoadá á Asturiana.—Domingo—Spaghetti á Calabresa.

A sala-restaurant do CAFÉ-CHIC tem conforto, asseio inexcelsível, não tem cheiro ou fumo e tem originalidade na iluminação.

—Porque a não visita V. Ex.^a?

DELICAT

O cigarro da actualidade—20—5\$00

MAXIM'S

Orquestra Victoria

VARIEDADES POR

Rosita España e Trio Horlick

No TIVOLI: Uma epopeia monumental:

CLEOPATRA

Amanhã, ás 4 da tarde: concerto unico de ARTHUR RUBINSTEIN
Segunda-feira: a nova comedia musical da Ufa: JORGE E GEORGINA

A ABERTURA DO PARLAMENTO

A' mensagem presidencial respondeu o deputado dr. Albino dos Reis

(Continuação da pagina central)

O antigo ministro do Interior começa por agradecer a presença do chefe do Estado e exalta a sua alta figura de militar e de patriota.

Diz:

A Assembleia tem a noção nitida de que não é uma vulgar Camara legislativa aquella que hoje se inaugura, sob os olhares atentos da Nação, sob os votos auspiciosos e inquietos dos portugueses de boa vontade, e tambem das vagas e criminosas esperanças dos que desiludidos da efficacia dos seus esforços de destruição, só sentem renascer as flores minadas das suas illegitimas ambições, ao calor dum possível insucesso das nossas tentativas renovadoras.

Mais adiante:

«Os povos desenganaram-se, por dolorosas experiencias, da virtude do mito da liberdade; e aprenderam que a unica garantia eficaz dos direitos da pessoa humana está numa actividade forte e virtuosa que seja o Estado numa esclarecida opinião publica, numa consciencia civica bem firmada dos deveres e dos direitos de cada um.

Sob o império das catastrophes que no mundo economico e no mundo moral a liberdade acabou por desencadear os povos reconheceram que a actividade economica tem de ser dirigida em ordem ao interesse da Nação que a riqueza sendo uma função da vida em sociedade, tem imprescritiveis deveres sociais a cumprir; que a paz social e a justiça na distribuição dos bens da vida não resultam da luta implacável dos diversos grupos economicos, mas da sua colaboração e entendimento, sob a tutela imparcial e isenta, do Estado dominado por sólidos principios de moral e pelas exigencias superiores do agregado nacional, que a autonomia e a força da Patria são ainda a melhor garantia suprema dos povos contra a tirania e a miseria, e a degradação;—e que as patrias não são a multidão inorganica de individuos debatendo-se e aniquilando-se na luta desesperada da concorrência da vida, na realidade transitoria do presente mas a resultante superior da vida dos diversos organismos sociais economicos, ou morais, evoluindo nas vicissitudes da historia e prolongando-se indefinidamente no futuro: que as creanças são a mais resistente armadura das racionalidades, fonte de elevação, nobreza e dignidade da vida social e, ao mesmo tempo, podem ser o mais poderoso factor da unidade nacional».

Na segunda parte do seu discurso o dr. Albino dos Reis refer e-udaoeoa da Ditadura no sentido colonial, a obra do Imperio:

O renascimento desse espirito civilizador é, para nós, o feliz augurio do que a vida portuguesa entra definitivamente num plano de elevação e de grandeza infinitamente distante da antiga fermentação dos grupos e das competições ridiculas das influencias pessoais.

E depois:

«Ao iniciar-se a fase constitucional da Revolução, a Assembleia Nacional, que surge no desenvolvimento da sua evolução politica, cometeria mais do que uma falta de gentileza, uma imperdoavel falta de justiça se esquecesse que foi o patriotismo da força armada que abriu a Republica uma nova era politica e que sem a sua dedicação inalteravel, a sua unidade, a sua disciplina a obra de ressurgimento nacional não

teria sido possível. A Assembleia associa-se calorosamente ás justas homenagens que a mensagem presidencial presta á força armada e colaborará de boa vontade nos propósitos do governo relativos «ao incremento da defesa nacional pela reforma e armamento do Exército e reorganização do Exército e da Armada».

O orador termina desta maneira:

«Senhor Presidente: Eu vou terminar. Recelam uns que a Camara seja excessivamente docil, e assim, inutil na sua função: recelam outros que el. venha a ser excessivamente irrequieta e, assim, perturbe e embarace a boa marcha da Administração Publica:—Outros desejaram que ela caia em qualquer destes vicios pela desacreditada regra do quanto pior melhor:—A Assembleia, na plena consciencia do seu dever, das suas responsabilidades, no melindroso momento da nossa evolução politica, procurará desempenhar-se do mandato que lhe foi confiado, com os olhos postos apenas nos superiores interesses da Nação.

Ainda uma referencia: Afirma a mensagem presidencial o alto e generoso pensamento de promover «a união de todos os portugueses para o engrandecimento patrio, pela coexistencia pacifica das opiniões»: A Assembleia acompanha o venerando Chefe do Estado em tão nobres e patrioticas aspirações.

E só deseja se mostrem dignos delas os que ainda prezam o seu nome de portugueses a todos os interesses sejam capazes de sobrepor o interesse sagrado da Patria».

Quando o orador se refere ao chefe do Governo, a assistencia tributou ao dr. Oliveira Salazar uma entusiastica manifestação e das galerias partem três vivas: ao presidente do Conselho, ao chefe do Estado e a Portugal.

Ao findar o sr. dr. Albino dos Reis recebe da assistencia quentes aplausos.

O presidente da Assembleia Nacional levanta-se de novo e declara:

—Está encerrada a sessão...

Nos Passos Perdidos a orquestra executa novamente «Portuguesa» enquanto o chefe do Estado, ladeado pelos presidentes do Conselho e das duas camaras, atravessa a historica sala, entre alas de fardas e de casacas.

A' saída de S. Bento

Em frente ao Parlamento a força de Marinha repete as honras da ordenança. O chefe do Estado e o sr. dr. Oliveira Salazar tomam lugar no «Jandau», até junto do qual os acompanham os presidentes das Camaras. Soam de novo, o hino nacional e os toques de clarins. A carruagem parte, entre continencias e venias.

Depois a mancha multicolor de fardas e de trajos de rigor vai-se diluindo, á medida que dezenas de automoveis recolhem diplomatas, generais, almirantes e tantas outras personalidades que hoje emprestaram ao Parlamento um cenario magnifico.

A GARRETT Largo do Chiado, 9 e 11

Almoços completos de 12 e 16 Esc.
Jantares completos de 15 e 18 Esc.

ás 5 horas chá

PAT:SSERIE VERSAILLES

O CAFÉ-CHIC serve optimos bifes e esplendido café á chavena.

O CASO ALMEIDA PINHEIRO

O promotor pediu a maior benevolencia para o reu no caso de ser condenado

No 1.º Tribunal Militar continuou hoje, em 17.ª audiencia, o julgamento do sr. capitão Almeida Pinheiro.

A sessão foi aberta ás 13 e 30, com a mesma constituição dos dias anteriores, vendo-se a sala repleta de publico.

Ao entrar na ordem dos trabalhos, a presidencia declarou que o sr. tenente-coronel Tamagnini Barbosa, teria, para terminar as suas alegações orais, todo o tempo que julgasse necessario para que a verdade ficasse plenamente esclarecida.

O sr. tenente-coronel Tamagnini Barbosa, depois de se ter referido com elogio ao advogado de defesa a cuja inteligencia prestou justiça, e de se ter associado ás referencias, elogiosas, tambem, feitas pelo sr. dr. Lorena Santos á Imprensa, disse:

—Concordo em que este processo tem o seu quê de misterioso, embora em alguns pontos esse misterio haja sido desvendado no decurso da discussão da causa, mercê de documentos que, requisitados pelo tribunal, o ministerio da Guerra prontamente forneceu.

—E' certo—acrescentou—que quanto ao processo de material de aviação, alguns documentos em que o libelo se baseia não têm as indispensaveis caracteristicas legais. As conclusões dos exames periciais não são categoricos sobre a culpabilidade do reu, e aos peritos não foram fornecidos todos os elementos indispensaveis para os exames. Mas tambem é certo que, acôrda de determinados actos, é, pelo menos comprometedor, o procedimento do capitão Almeida Pinheiro.

«E' absolutamente exacto que, se o ministerio das Finanças desse o despacho para o credito solicitado pelo ministerio da Guerra, tudo seria ultimado sem consequencias; e esta circunstancia leva a admitir a hipotese de que o material houvesse sido recebido, mas não material «Breguet», visto que, para este material novo, se provou não ter havido fornecimentos no ano de 1922.

Pondo o seu criterio:

—O delicto poderá assim, neste ponto, ser outro:—a aquisição, como novo e pago como tal, de material usado, dos «stocks» de guerra, cuja venda foi notoria nessa época. Isto é, porém, uma simples informação...

Entrando com impressionante lealdade no campo da defesa, o promotor de justiça declarou que eram de considerar as atenuantes da reparação parcial do dano causado pelos descontos que o reu sofreu nos seus vencimentos; a compensação das percentagens atribuidas ao acusado, pelos fornecedores de importantes encomendas anteriores e legalmente efectuadas, percentagens essas que ele fez reverter para o Estado; a sua acção pró-avição portuguesa, em França, que, por vezes, o obrigava a despesas pagas pelo seu bolso; o exemplar comportamento anterior; a invalidez em serviço de campanha; a prisão preventiva durante cerca de dez anos, e os relevantes serviços prestados á Patria e á Republica, com o risco da propria vida.

—Foram tão relevantes esses serviços—exclamou—que eu quando o defensor do capitão Almeida Pinheiro invocava a personalidade martir da sua esposa actual, madrastra, mas verdadeira segunda mãe dos seus filhos, que bem cedo ficaram na orfandade daquela que os gerou, tive, como que em sonho, a visão de que as figuras altivas e majestosas da Patria e da Republica amparavam essa martir na supplica dirigida ao tribunal para que fosse dado o perdão ao marido.

E terminou assim, enquanto no auditorio se chora copiosamente:

—Senhores juizes: A maxima benevolencia no caso duma condenação! Sejam humanos para o capitão Almeida Pinheiro!

As 16 horas suspenderam-se os trabalhos por meia hora. A trepica do sr. dr. Lorena Santos deve terminar amanhã.

No SAO LUIZ: 2.ª semana de exhibição

NOITES MOSCOVITAS

O MAIOR FILME FRANCÊS DA TEMPORADA! admiravelmente interpretado por ANNABELLA, HARRY BAUR, SPINELLY e P. R. WILLM

Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA - Telefone 20271

UM TESOIRO DE ESPIRITO

As notas íntimas de Fialho de Almeida reveladas pelo SUPLEMENTO LITERÁRIO

Por gentileza do sr. Antonio Teixeira, socio gerente, com seu pai e seu irmão, da Livraria Classica Editora, que tão serios serviços tem prestado ás letras portuguezas, temos em nosso poder 24 cadernos (vinte e quatro!) com as notas íntimas de Fialho de Almeida. «Íntimas» lhes chamamos—e outra palavra não pode classificar essa serie de apontamentos rapidos, de letra nervosa e por vezes cabalística—verdadeira letra de receita medica. E outra coisa não são senão «receitas»:—receitas para artigos para romances, para trabalhos que não chegou a concluir, nem mesmo a encetar a serio, á banca de trabalho.

Por vezes essas notas tomavam a concisão dum tema de exame, sem lhe faltar sequer o imperativo. Fialho ordenava a Fialho:

Desenvolva o que sabe sobre a casa portugueza.—Descreva a casa da Beira, quintal, varanda, etc.

Desenvolva... descreva... — onde qualquer outro escreveria: desenvolva... descrever... Bem raros são os que, depois de mortos, nos dão semelhantes lições de disciplina!

Mas nessa coleção de notas cintilantes preciosas de minucia, feitas com aquela falta de confiança na memoria que caracteriza os verdadeiros investigadores, transparece de tal modo o espirito de Fialho de Almeida, que não foi sem profunda comoção que as folheamos.

Tomava-as primeiramente a lapis, ao acaso das longas digressões e dos breves estagios nos cafés, e depois cobria-as a tinta, sem qualquer cuidado, apenas para que o tempo lhe não roubasse a possibilidade de as utilizar.

O todo constitui 24 livrinhos de capa de oleado, dos mais diversos formatos e papeis. Compreende-se: quadriculado ou pautado, não era Fialho de Almeida homem para cuidar da regularidade das regras graficas. Arrumo, exigia-o ele unicamente na intelligencia. Clareza, apenas na forma definitiva dos seus escritos.

Assim, mais que no laboratorio do alquimista, tivemos a impressão de entrar dentro das proprias retortas e cadinhos onde ele preparava os seus periodos mágicos. Está ali o minério bruto, coberto pela ganga do acaso, que o estilista devia trabalhar depois, com cuidados de quimico e requintes de cinzelador.

Dá-lo á estampa é violação? Profanação? Bastaria a piedade com que Antonio Teixeira e os seus têm velado pela memoria de Fialho para que a sombra de semelhante sensação nos entravasse a indiscreção de jornalista.

Mas Fialho de Almeida era medico, materialista convicto—dizer materialista não é dizer «materialão»!—e o amor da verdade levava-o, inclusivamente, a todos os excessos de que o acusam criticos superficiais. Homem de bem era-o decerto. Porque só um homem de bem pode escrever, com o desassombro e a linguagem com que o faz, mesmo em cadernos íntimos, os apontamentos que aqui temos. Havia aqui elementos para desbancar ministros, escaqueirar falsos valores, desmascarar hipocritas, pôr a careca á mostra a muito porcalhão. Só num precioso caderninho em que se fala de



FIALHO DE ALMEIDA

(Caricatura de AMARELHE)

amores ilícitos e outros segredos das alcôvas alfacinhas, havia materia para fundar quatro jornais!... Pois Fialho não utilizou nunca essas verdades nem quiz, por sua vontade expressa, que as utilizassem após a sua morte. E, no entanto, ele sabia que as «Memorias de Fialho», facéis de resgar nas notas que aqui temos, enriqueceriam, a seu tempo, o editor e amigo verdadeiro a quem as entregou...

E' inútil dizer quanto nos sensibiliza a confiança de quem depositou nas nossas mãos tão perigosas armas. Sabemos merecê-la.

Diziamos nós que ao culto da verdade, a que apaixonadamente se dedicou o mestre do A' Esquina, só poderia ser grata a iniciação do publico e da critica no «processo» literario que utilizava para compor as suas preciosas joias. Joias e sinfonias—porque Fialho de Almeida foi, ao mesmo tempo, o Benvenuto Cellini e o Richard Wagner das letras portuguezas.

O aspecto do texto é curiosissimo. Não se nota uma hesitação, uma

emenda, uma razura. A caneta seguiu, tumultuaria, a linha do pensamento, fixando imagens, apontando cores, traduzindo sensações. Assim, melhor se nota a riqueza do seu vocabulario, a gama prodigiosa da sua sensibilidade—e a sua decidida, autentica originalidade. Quer descrevesse, narrasse ou comentasse—um monumento, um chiste, uma noticia de jornal ou um anuncio—sempre o medico, o critico, o humorista e o escritor marchavam ao mesmo passo, sobrepondo-se em curiosissima fusão.

Grande parte das notas, mesmo as que se referem a simples impressões de viagem, são irreprouzíveis pela crueza do vocabulario.

Um exemplo duma das mais inocentes:

«VALLADOLID (Igreja de S. Bento, por fora). Em grandes letras, na parede da igreja: «Se prohibe hacer aguas mayores y menores en el pinto y al rededor deste templo, bajo las penas que marca la ley.» Apesar do aviso, de roda há d'umas e outras aguas».

Um pormenor jocoso aguçava-lhe logo a veia satirica, irreverente, em notas soberbas. Ha um episodio que começa assim:

«De longe, um padre novo, rubicundo, com um guarda-sol e sotaina, considera de longe, com uma ternura de Santo Inacio jan..., as pernas dum criatura, rapariga de 15 anos, já nubil, muito bela, grossa, seios, rubia, que de pé no balaço de barco, agarrada ás cordas, se agita de cabelos soltos, como uma musa provocante—um prato que não será para os seus dentes. E pensa talvez num ceu catolico que fosse ao mesmo tempo um paraiso de Mahomet».

O resto é irreprouzível, mesmo com reticencias!...

Uma das mais inesperadas revelações destes cadernos são os desenhos de Fialho de Almeida. Há-os ás dezenas, intercalados no texto, na devida altura: pormenores architectonicos, conjuntos, paisagens, objectos de interesse ethnografico, trajos, etc.

Tecnica identica á do texto—esboçados a lapis, cobertos á pena—mas estes com cuidados de amator que apenas tem «queda» para desenhista. Alguns são muito bellos, como o que reproduzimos, por sua delicadeza e seu rigor esquematico. Tudo com legendas elucidativas, ligadas com riscos aos pontos a que se referem: pinheiros, rio Mondego, açude, etc.

Onde Fialho desenhava e pintava como ninguem era. na prosa! Vejam esta descrição duma paisagem, perto das Caldas da Felgueira, que damos, introduzindo unicamente ponto aqui, virgula acolá, para maior clareza tipografica:

«Uma pele de animal velho, com mantos de pelo que são espinhais—mais longe clareiras de pelo raro que é o mato sem pinheiros—ou então ossos que são as rochas, e esgarçadas na pele que são os córregos e calvas de terra amarelhando no fundo dos verdes. A's cinco horas, o vale profundo escurece—da banda do poente ainda ha um clarão amarelo nas nuvens Ao nascente, nuvens azuladas, aqui e alem orladas de tons de cobre e uma ferral—e nos ventres dalgumas, mais perto do poente, tons de lontra.

Nos confins do nascente a sombra vem, ténue, em uma gaze de neblina, e os grandes silêncios religiosos da floresta onde desce um misterio, seja o que for. Não ha passaros aqui, alguma lucá, dos milhões que há (de) zoar em sendo noite.

O silencio dos pinhais é uma coisa que não esquece. No alto dos ramos passa um murmuro de oceano, o rumor dos buzios quando se põe (m) ao ouvido, e onde habita o espirito da divindade balbuciente Nas panças dos pinheiros as nuvens gostam de poisar, como que a sorver-lhes o perfume das resinas».

(Este trecho nem sequer está coberto a tinta).

E agora este apontamento de Vigo, onde nada alteramos, deixando inclusivamente a repetição das «telas embreadas»—certamente para deixar depois onde ficasse melhor.

«Cabeças redondas, tostadas, gran-

(Ver continuação na 5.ª pagina)

A Roda da Fortuna

HISTORIAS DE PROVEITO E EXEMPLO

Da Grosseria

Conheci-o ha muitos anos, num café da Baixa, onde ele aparecia á noite, com um farto sobretudo alvadio, arrastando a perna esquerda, grosso, lento, um charuto ordinario na boca enegrecida e um chapéu cinzento, declinado para a esquerda, sob o qual o cabelame lustroso rompia, como tojo debaixo duma lage. Era obeso e chamava-se André Rasteiro. Os amigos, quando ele se avisinhava, rasgavam a cara, num sorriso cinico, sob os bigodes tostados e espessos:

—Adeus, oh «paquiderme!»

Ele sentava-se sobre o coçado marroquim, bocejava, batia com a mão papuda e peluda no ombro do velho dr. Barroca, que estremecia, e atirava a seguinte pergunta:

—Que ha de novo, oh «lanzudos»?

Encomendava um café, dava três fumaças exaustivas, desabotoava-se e alargava as pernas curtas e volumosas, esbarrando noutras pernas que se agrupavam debaixo da mesa num sindicalismo tumultuario, de encontros e pisadelas. A sua chegada tinha este efeito inédito: impunha silencio. Esperava-se que ele tomasse a palavra, dada a sua situação privilegiada de rico proprietario—situação que lhe permitia ter opiniões. O primeiro gole que lhe aquecia a lingua e lhe perfumava o palato, desapertava-lhe os labios nicotinados:

—Sabem quem hoje me bateu á porta? O Nicomedes. Está na ultima! Nem vintem... Traz o fato no fio e a camisa esburacada.

—Que se passa, velho tonto?—perguntei-lhe.

Pôs-se a chorar, como uma Madalena.

—Não me faças perder tempo, com lamurias inuteis. Fala depressa e fecha a torneira...

Limpou os olhos, soluçou e pediu licença para se sentar.

—Com a condição de não alongares o discurso.

—Sempre me conheceste, começou ele, trabalhador e honrado...

—E parvo tambem, sem ofensa para as altas qualidades que fizeram de ti um pobre diabo!—interrompi eu.

Quiz lacrimar de novo, mas eu ferrei um murro na secretaria, gritando:

—Com seiscientos diabos, não haverá maneira de tu te exprimires, sem agua benta!

Desfeito, assustado, tremulo, deixou cair o guarda-chuva. Foi para o apanhar, solta o chapéu que rolou até os meus pés. Uma autentica cena á Charlot.

Um tanto enojado, disse-lhe:

—Sem rodeios, que pretendes tu de mim?

Respondeu-me, num tom de voz, mais sumido que o suspiro dum moribundo:

—Empresta-me um conto de reis!

—Não me contive: peguei-lhe num braço, empurrando-o para a escada.

—Então tu julgas que eu trabalho para sustentar vadios?...

Ainda gemeu, virado para mim:

—Tenho gente enferma lá em casa...

—Como não cõras de te dirigir a quem conheceu teus pais na opulencia, é o que me espanta!

André Rasteiro, consciente de que praticara uma boa acção, solicitou o aplauso dos ouvintes que se retrairam.

—Então vocês embatucaram?

—Nada disso, retorquiu Mario Felisberto, que era loquaz e atrevido, mas

como tu não valesste a um desgraçado, esperavamos que o seu pranto, ao menos, não ficasse aferrolhado no teu cofre com o valor de esc. 1.000\$00.

—Não te compreendo...

—Não admira, mas em todo o caso repara que belo negocio tu fizeste: guardaste o teu dinheiro avaramente e ainda por cima recebeste um presente real—as lagrimas de alguém, cujo pai tanto te ajudou.

Um Espectro

Nas redacções dos jornais, apparecem ás vezes criaturas dignas de atenção, quando mais não seja pelo imprevido das manias suaves ou bravas que os agitam.

No fim da semana passada, o continuo annunciou-nos:

—Está ali o sr. Fevereiro que lhe deseja falar...

—Quem é o sr. Fevereiro? Que pretende ele?

—Parece-me ser pessoa bem comportada: usa chapéu de côco...

—Mande entrar sem demora.

O homem, enquanto extraiamos duma pasta certa nota sobre os perigos do absinto e os delirios opacos que provoca, entrou subtilmente, como se pisasse algodão em rama.

Interrogámo-lo com os olhos, enquanto ele nos fixava demoradamente, com o ar preocupado de quem procura numa fisionomia estranha resposta a qualquer pergunta imperiosa ou escaldante. Persistindo ele no seu exame e no seu mutismo, ousamos perguntar-lhe:

—Que o traz por esta sua casa?

—Eu sou pela pena de morte!—fez ele, num assomo de colera inesperada. Embora não houvesse uma relação muito intima entre a nossa pergunta e a sua resposta, decidimos não lho fazer notar. E arriscámos, na ideia de explorar caridosamente os «recantos sombrios» que a sua declaração entre-mostrava:

—Mas nada mais justo que ser pela pena de morte, quando se tem a alma pura...

—Quem lhe disse que defendo a pena de morte, por motivos ingenuos e sentimentais?...

Reparámos, então, que o sr. Fevereiro, pelo vestuario e pela timidez da sua apresentação, não condizia com o tremor dos labios e um tic na face direita que, de instante a instante, se franzia nervosamente.

—Não fica mal a ninguém, antes pelo contrario, professor ideias generosas, com o bom proposito de aliviar as misérias humanas ou temperar as injustiças terrenais—continuámos nós.

—Mada disso... (aqui o sr. Fevereiro deu um passo á frente, inclinando-se para nós numa attitude mináz e teatral)... nada disso, repito. Sou pela pena de morte, porque entendo ser necessario purificar com sangue a sociedade revolta e corrompida.

—Talvez se possa conseguir o mesmo, empregando metodos menos radicais.

—Lá vem o senhor com as branduras que nos matam! Cada cabeça que se cortar representará milhares de vidas que se salvam.

—Como quere o sr. Fevereiro que a guilhotina, a forca ou a cadeira electrica extingam o mal e o crime, se um e outro são o que são e não o que hão de deixar de ser?

Entroviscou-se-lhe tempestuosamente o parecer, talvez por não perceber

bem o alcance da nossa objecção. Voltou ao principio e reforçou desabrido:

—Sou pela pena de morte!

—Que tenciona fazer para abalar o país, convertendo-o á sua causa?

O sr. Fevereiro manteve-se indeciso, absorto por um momento, preso duma entranhada tortura. Repentinamente, qual sol rasgando negra nuvem, sorriu, recompôs o rosto desalinhado e estendeu-nos a mão amigavelmente:

—O senhor desculpe-me, mas, de vez em quando, passa por mim um «rumor de sangue» que me alucina. Não tenho odio a ninguém e compadeço-me das desgraças que topo no meu caminho. Quizera ser o Cireneu de muitas cruces que pesam nos ombros inocentes... Subito fusila o relampago e afunda-se o meu barco. Como se eu tombasse descuidadamente num precipicio, sinto que a minha pobre consciencia se obscurece, enterrando-se a piedade que me é natural e grito logo: —Sou pela pena de morte!

O Anjo da Guarda

Alta, flexivel, ligeirinha—uma especie de flor desabrochada na varanda musgosa dum palacio abandonado. Das suas mãos brancas, piedosas e clementes parte sempre uma graça para os que a amam e uma absolvição para os que a invejam. Tem desanove anos —delicados, batidos pela desdita e nunca vergados a qualquer ventania agreste. Sendo fragil, eburneamente morbida, coração dolente no peito fatigado, nunca diz:

—Não posso mais...

Na sua boca, paira um sorriso candido que é um jeito natural da indole propicia ao sofrimento, como a rosa aos espinhos a que se ampara a sua efemera belesa. Chama-se Luiza e nos apelidos ostenta o orgulho heraldico dum nome illustre. O avô, antes de morrer, apertou-a nos braços desfalecidos e despediu-se dela, nestes termos:

—«Vais ficar sósinha com a tua avó neste casarão de três seculos, onde algumas épocas brilhantes souberam ser futeis e graciosas. E' uma carga enorme para a tua adolescencia inexperiente e desprotegida. Não te esqueças, porém, de que na nossa casa, em casos identicos, as mulheres evitaram a derrocada, salvando os trofeus conquistados pelos nossos maiores, na India e no Brasil».

Luiza, numa convulsão de pranto, não compreendeu bem as palavras do avô nem a gravidade que lhe attribuiam. Limitou-se a responder, num soluço que a sufocava:

—«Farei tudo para merecer a tua benção».

Os criados mudaram-lhe o tratamento: era a sr.^a D. Luiza. Quando ela dava as suas ordens, acudiam pressurosos:

—«Pois sim, minha senhora...».

No seu intimo, sorriam-se daquela criança que dava ordens, desajeitadamente, por vezes, no proposito de desempenhar um papel que não fôra talhado para ela.

A avósinha, quasi paralitica, puxava-a para si, punha-lhe as mãos no rosto e segredava-lhe:

—«Para que te fatigas tanto, minha filha?...».

Ela beijava-a com ternura, ajustava-lhe os cabelos e cobria-lhe os ombros com o challe descaído, repreendendo mimosa:

—«Eu trabalho por gosto, visto ser o unico homem» que cuida de ti. Se

eu não estivesse alerta, estas paredes desabavam desamparadas».

O que mais a penava era vêr como, nas vastas salas e corredores, na adormecida biblioteca, crescia a decrepitude. Nos lagares, pisava-se a uva e moia-se a azeitona. O celeiro enchia-se. O vinho conservava as velhas tradições da adega.

Mas como conter a ruína do edificio? Contra isso, julgava ela, nada podia.

—«Temos para viver, avósinha, mas para obras não sobra um centavo».

—«Não te amofines, Luiza, que de algures virá o remedio».

Um dia, a avó caiu de cama: a morte veio a galope, tomou-a nos gelidos braços, mal tendo azo de lhe lembrar, já com as pupilas semi-apagadas:

—Minha querida, fuge daqui e instala-te noutro sitio.

Não teve força para abalar, tornando-se infiel ao solar da sua raça.

—Serei a ultima da longa série, mas não renego destas paredes historicas e venerandas.

Começou a definhar e a empalidecer—a bondade e a resignação unidas no mesmo perfil. Levantou-se certa manhã, alvorotada por que alguém batera á porta, com um vigor e estrondo desusados.

—Quem será?—inquiriu ela.

Mandou saber: não estava ninguém. Pôs-se a cismar e a recordar quem poderia vir assim tão estranhamente turvar a paz de seu ermo. Passou em revista nomes e nomes—parentes remotos, vagos tios caqueticos e uma severa tia paralitica, em Lisboa.

De repente ocorreu-lhe:

—Só se fosse o Antonio!...

Era um primo que andava por longe—a busca da incerta fortuna.

Sem saber como, subiu-lhe um breve rubor ás faces e num sopro murmurou:

—Se ele viesse...

A esperança tocou-lhe no seio, reanimando-a.

—Se ele viesse...

E assim começou a viver para uma illusão, aguardando todos os dias que a mesma mão desconhecida batesse á porta.

—Quem será?...

10—1—1935.

JOAQUIM MANSO

MOVIMENTO LITERARIO

A *Parceria Antonio Maria Pereira* tem no prélo, para proxima publicação, as seguintes obras:

Ambições, por D. Ana de Castro Osorio. *Loirinha Martir*, por Margarete Elzer, tradução do alemão por Eduardo Marrecas Ferreira.

Curandeiro de sua honra, por Ramon Perez de Ayala, tradução do espanhol por Rogerio Perez.

Abadesa de Castro, por Stendhal, tradução do francês por Rodrigues Migueis. A *Livraria Clássica Editora* tambem publicará em breve:

Por terras da Morte Branca, (2.º vol. da colecção «As grandes Epopeias»), pelo dr. L. Breittuss.

Fantasma, (n.º 25 da colecção «Os melhores Romances Policiaes»), por E. Letailleur.

Revista Lusitana, vol. 32, dirigida pelo dr. J. Leite de Vasconcelos.

O problema da fadiga escolar á luz das investigações modernas, (n.º 7 da «Biblioteca de Cultura Pedagógica»), pelo dr. Faria de Vasconcelos.

Como devemos criar e educar os nossos filhos, nova edição revista e completamente modificada, por D. Virginia de Castro e Almeida.

O RESTAURANTE «CHIC», da praça dos Restauradores, aberto toda a noite, dá garantia de asseio porque tem uma cozinha modelarmente montada e uma «Frigidaire» que mantem os mariscos, carnes e peixes, nas melhores condições de consumo.

Serviço á Carta, rapido, abundante e perfeito.

Notas em circulação

O peão tende a desaparecer, porque todos os dias se lhe restringe o espaço destinado às suas divagações. E' um ser condenado, anormal e inerte. Os veículos progridem e as cidades alargam-se com eles, mas o peão faz-se insignificante e nulo. Um humorista nosso amigo lembrou-se de escrever os preceitos que ele ha-de observar, antes de chegar a zero. El-lo na sua inerteza simplicidade:

1.º — O peão deve considerar-se inútil e atrabiliário, empregando todos os esforços para não dar nas vistas.

2.º — Quando tenha de aparecer em publico, usará da modestia que convem a um bipe de vagaroso e assustadiço.

3.º — Todas as vezes que as circunstancias lho consintam,, renegará da sua condição miseravel, alçando-se á de passageiro.

4.º — Nunca invocará os regulamentos em sua defesa, visto que o facto de ser atropelado simplesmente prova que ele ignora os beneficios da viação acelerada.

5.º — Não atravessará as ruas e praças, sendo depois de confortado com os sacramentos.

6.º — Logo que os seus recursos se avolumem, aproveitá-los-á para confiar as suas pernas á alta cirurgia que nelas enxertará umas asas — ultimo modelo das de Mercurio.

7.º — Ir-se-á retirando gradualmente de todas as posições que occupou noutras epocas, a fim de se concentrar nas vielas e ruelas tortuosas onde miam os gatos e a herva cresce nas calçadas.

8.º — Se chegar ao seu conhecimento que se levanta em seu favor qualquer campanha de reabilitação, bradará em voz alta:

— Eu sou um cadaver!

9.º — Recusar-se-á terminantemente a dar ouvidos ás melopeias sobre epocas paradisiacas ou prehistoricas, quando o velho Adão andava pelo mundo, de serra em serra e de vale em vale, a romper matos marinhos e a matar renas com o seu machado de silex lascado.

10.º — Como prova suprema do seu desamor á vida e da desactualização do seu fervor deambulatório, quando caia sob a massa omnipotente dum camião dirá como os gladiadores sob a tribuna de Cesar, no Circo:

— Avec Caesar, morituri te salutant!

Os concursos literarios do S. P. N. foram apreciados, discutidos em todos os tons — desde a colera que fulmina á complacencia que encolhe os ombros. Por meia duzia de dias, as capelinhas, as salas e as saletas tiveram um assunto que lhes encheu o papinho. Os premiados tambem encontraram uma aura — com ventos contrarios. Por fim, a efervescencia, como a espuma do capilé, foi-se liquefazendo e asserenando. Mas, apesar disso, ficou para traz, mais demorada, esta pergunta: — Porque se não concedeu o premio do romance?

Joaquim Paço d'Arcos, o unico dos concorrentes que, com o livro Herói Derradeiro, obteve um voto a seu favor — os outros não tiveram essa honra — entendeu não se dever resignar com a abstenção do juri. E dirigiu ao Fradique um largo artigo que veio publicado, no numero de ontem, quinta-

feira — artigo que foi de bastante divulgação.

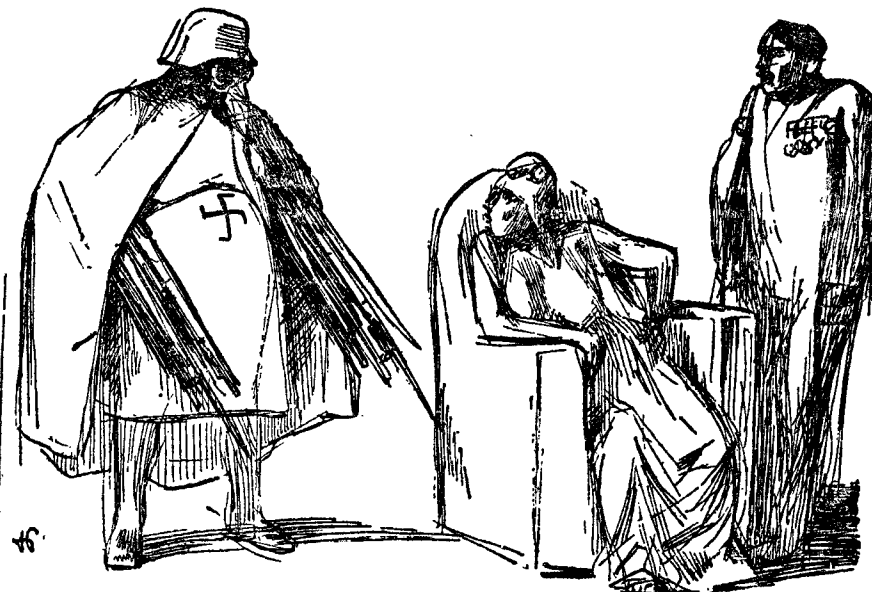
Reacendeu-se o assunto:

— Porque se não concedeu o premio do romance?

Leia-se o que se segue, que recorta-

O Sarre na caricatura

O Sarre está sendo agora disputado pelo laio acurado dos caricaturistas. Enquanto os artistas alemães fazem da pequena região carb-nífera, mantida sob o governo da Sociedade das Nações para indemnizar a França das delapidações sofridas pelas suas minas, durante a guerra — um caso de patriotismo, embora cultivado como enfermicha flor de estufa, — os franceses humanizam o problema, dando-lhe uma mascara bestial: Hitler. Um Hitler suspeito, equivoco, de olhar vesgo, e palavras mentirosas, sorrindo á França, para enganar melhor.



MARIANA — Esse trajo, Germania, não é muito proprio a euções.

(Do Je suis partout, francês)



OS REIS MAGOS NO SARRE — Passaremos daqui a oito dias... para as congratulações... depois do regresso á Alemanha.

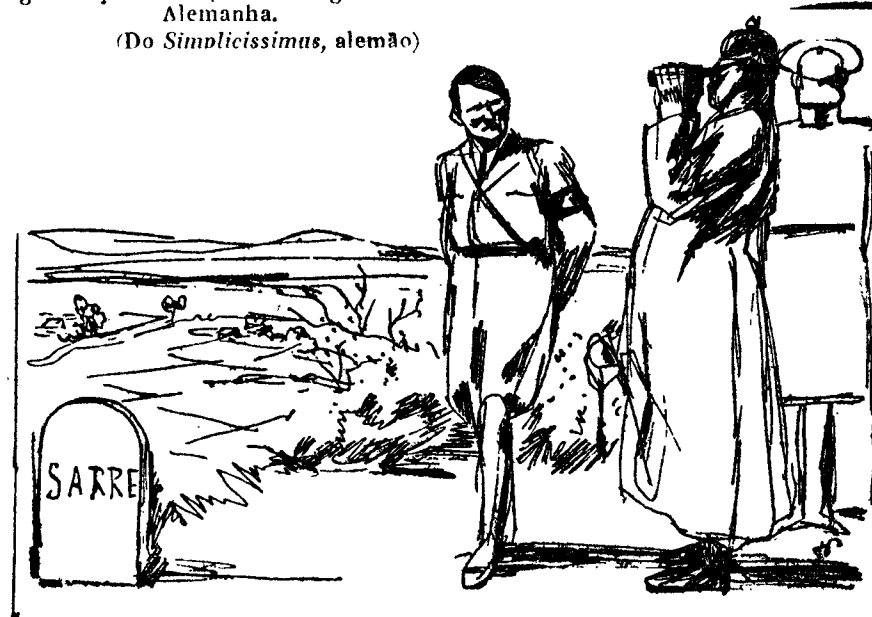
(Do Simplicissimus, alemão)

Os amigos dos franceses



O SR. KNOX, PRESIDENTE DA COMISSÃO GOVERNAMENTAL DO SARRE — Estes tipos estarão aqui para me proteger ou para me vigiar?

(Do Kladderadatsch, alemão)



A CAMINHO DE PARIS — Aproximamo-nos, hein?

(Do Je suis partout, francês)

mos do Fradique, com a devida vénia e que nos mostra o intuito do artigo do jovem e talentoso romancista:

«Assim, em vez de estímulo colhe-mos desanimo que as almas velhas e valdosas souberam incutir, com seu voto, na nossa geração. Em vez da Justiça ao primeiro de nós todos, o ludibrio para todos nós. Daí o impeto deste protesto. Podem vozes rasteiras insinuar que nos move o despeito. Desprezá-las-emos. O livro com que concorremos a este concurso foi pela Academia das Ciências, em outra competição, colocado, entre dezassete, logo após uma obra de Aquilino, a par de uma de Ferreira de Castro. Foi por um professor jesuita, na sua aula de Leitura, lido aos seus alunos como padrão do romance português moderno. Bastam-lhe essas consagrações.

Se ergo o meu protesto não é por despeito, coaxem embora as rãs. E' por elemental noção de Justiça, ferida, não na minha pessoa, mas nas de todos os que comigo concorreram ao premio Eça de Queiroz. Interprete cada qual como quizer a minha attitude. Vale mais a coragem de arrostar com a incompreensão alheia do que o silencio pelo temor de sermos mal julgados»

Não podemos rejeitar-nos sequer ás razões que o juri, formado por pessoas escrupulosas e competentes, invocou para se escusar de votar. E' de crêr que sejam fortes. Como, porém, ele as reservou para si, embora a inconfidencia as publique, o protesto de Joaquim Paço d'Arcos, que corresponde a uma attitude de não conformidade. abona a sua sinceridade e a sua isenção de autor que não gosta de omissões.

A casa Hachette de Paris, cujo representante em Portugal é a livraria Bertrand, está na intenção de publicar em francês algumas obras dos nossos escritores. Ahamos bem, visto que não é de mais que a França e, através dela, o mundo saibam que nós possuímos uma literatura digna de ser conhecida.

Não tem o livro francês um acolhimento fidalgo, entre nós?

Observe-se, pois, a maxima:

— Tratem os outros como eles nos tratam a nós.

E' ao sr. Artur Brandão, director-gerente da livraria Bertrand, que se deve esta tão bela como util iniciativa. Confiamos em que ela seja coroada de completo exito, para se alargar, em seguida, o principio da reciprocidade a outros mercados literarios de que somos grandes clientes, sem que eles nos comprem um unico volume.

O «Diário de Lisboa» continua a receber de toda a parte os mais tocantes aplausos pela criação deste suplemento literario. Sem pretender ofender as restantes entidades que nos dirigiram gratas palavras de incentivo, queremos destacar a carta recebida da Parceria Antonio Maria Pereira, editores conscienciosissimos, que vêm acompanhando, de ha quasi um seculo para cá, e sempre na vanguarda, o movimento literario português.

Tanto a Parceria Antonio Maria Pereira como a Livraria Classica Editora, seguindo o exemplo, que assinalámos no ultimo numero da Livraria Guimarães & C.ª, já começaram a enviar-nos regularmente as indicações de que necessitamos para manter a nossa nova secção «Movimento Literario», indicações que agradecemos em nome dos nossos leitores.

Dez minutos "Les Litanies de la Vierge"

com



Armando Ferreira

Procuramos Armando Ferreira nos telefones, e recebemos a desconcertante resposta:

—E' engano. O autor da «Lisboa sem camisa» é meu irmão gêmeo mas não sou eu. Vive comigo porque a literatura não lhe dá nem para os cigarros que não fuma. Mas quem o sustenta sou eu. Ele está a dormir até eu chegar do trabalho...

Tinha passado o 1.º minuto mas os 9 restantes conseguimos consumi-los com o autor da «Lisboa sem camisa».

—«A Lisboa sem camisa» é a actualização do inolvidável romance de Ger-vásio Lobato «Lisboa em camisa». A comédia de 1880, vivia personagens dessa época, que tiveram filhos e netos. Os netos conhecemo-los nós todos, e são tão ridículos como os seus avós... Quiz ser o seu cronista e o 1.º volume, agora em publico—«O casamento da Fifi Antunes»—parece ter interessado o publico...

(Fim do 2.º minuto).

—Preferiu sempre nos seus trabalhos, o genero humorístico?

—Eu lhe digo. Descobri que tinha algum jeito para humorista quando se representou um drama em 3 actos da minha autoria, com um final imensamente ibseniano e que fez rir o publico...

(Fim do 3.º minuto).

—No panorama literario, o humorismo tem seu lugar...

—Já uma vez escrevi que nós somos na familia literaria o ramo degenerado. Ninguem nos toma a serio por mais filosofia e observação que ponhamos nas nossas obras. Não temos «póse»... e isto é grave porque põe muito baixo a cotação da «alegria» e do bom «humor»!

(Entra o 5.º minuto).

—Como trabalha os seus livros?

—A' janela, a ver passar os «tipos» e lembrando os casos de todos os dias. Mas estou a pensar que me vai perguntar qual o «perfume que prefiro, o autor que admiro e a flor de que mais gosto» e respondo já: o perfume de que não gosto é o dos carros electricos do Lumiar, o meu autor preferido é meu pai, autor «dos meus dias», e a flor de que mais gosto é a couve flor com molho branco...

Depois disto, creio que está saciada a curiosidade humana sobre a Vida privada do autor da «Lisboa sem camisa»...

—Tem obras em preparação?

—O complemento do «Casamento da Fifi Antunes», ou seja, a comédia da alta sociedade, e, em seguida, a comédia das camadas populares. Pretendão também ser livros de... graça... embora o editor tenha aquela antiga ideia de que é preciso pagá-los.

(Fim do 10.º e ultimo minuto).

Edições da "Renasçença Grafica"

Telefones 2 0271, 2 0272 e 2 0273

MAIS VALE ANDAR NO MAR ALTO... por NORBERTO LOPES PORTUGUESES EM ROMA, por NORBERTO DE ARAUJO. **O LIVRO DO NOSSO AMOR** por SILVA TAVARES. **ALBUM DE CARICATURAS**, por FRANCISCO VALENÇA.

Armand Godoy é um poeta de alma e não de espirito, uma sensibilidade antiga, profunda, com ritmos novos. Os seus livros filiam-se na interminavel corrente mistica que desabrochou na palavra de Jesus: ha neles a verdade, a vida, o perfume casto das emoções que se evolvem em preces e canticos. Les Litanies de La Vierge (editions Grasset), de que transcrevemos algumas, foram recebidas com jubilo e admiracão, a que nos associamos, junto de quantos apreciam a poesia, como expansão suave do misterio que vive, dentro de nós.

ROSA MYSTICA

Rose mystique, fais que mon cœur s'extasie
Dans le mystérieux cœur de la Poésie
Jusqu'à l'instant où ma sonore trénesie
Deviendra sidérale, ô Rose cramoisie!

Que je meure en chantant les matins et les soirs,
L'aurore, ses oiseaux; la nuit, ses ostensoirs:
La vie et ses bonheurs, la tombe et ses espoirs,
Et mon petit enfant et ses grands yeux si noirs!

Rose mystique, fais que mon cœur s'extasie
Dans le cœur même de la douce Poésie!

TURRIS DAVIDICA

Tour de David, protège-moi! Que ta puissance
Fasse de mon savoir la suprême innocence!
Exilé du verger au milieu de tes murs,
Les arbres m'offriront quand même leurs fruits mûrs.

Loin de vaines lueurs, j'obtiendrai l'Espérance
Dont le centre est partout dans ta circonference,
Ou, sur tes hauts créneaux qui dépassent l'azur,
Je perceurai la mort d'un œil tranquille et sûr.

Tour de David, protège-moi! Que ta puissance
Fasse de mon savoir la suprême innocence!

TURRIS EBURNEA

Tour d'ivoire, il suffit de toucher ton ivoire
Pour braver l'Infini, pour mépriser la Gloire
Il suffit d'admirer ta blanche trajectoire
Pour étouffer les cris de la chair transitoire.

Il suffit d'un, d'un seul de tes moindres reflets
Pour que l'immense Enfer se change en feux follets,
Pour que le plus beau front nous semble morne et laid
Et l'Humanité tout entière un osselet.

Tour d'ivoire, il suffit de toucher ton ivoire
Pour devenir autel, tabernacle et ciboire.

JANUA CCELI

Porte du ciel, je sens frémir tes deux battants
Lorsque l'audace des Judas impénitents

de ARMAND GODOY

Souille, au visqueux contact de ses lèvres pourries,
Le Crucifix qui fait chanter tes sonneries.

Porte du ciel, je sens frissonner tes autans,
Tes éclairs concentrer leurs feux intermittents
Lorsque crache vers toi la sottise raillerie
Des critiques méchants qui sentent l'écurie.

Seul le De Profundis des pécheurs repentants,
Porte du ciel, te trouve ouverte à deux battants.

STELLA MATUTINA

Étoile du matin, étoile du matin,
Viens guider le voilier de mon jour incertain,
Et sur mon futur proche et mon passé lointain
Verse le vin doré du céleste festin.

Les oiseaux exultant d'amour sous ta caresse,
L'Espoir blesse que ton regard tendre redresse,
Le cerf qui va mourir, le marin en détresse,
L'enfant qui suce en vain le sein d'une pauvre,se,

Tous chantent ton pouvoir, étoile du matin
Qui brises dans l'azur l'indomptable Destin.

DOMUS AUREA

Maison d'or, maison d'or, maison de mon enfance,
Toujours ouverte, même à celui qui l'offense,
Asile où l'Amour veille et la Haine s'endort,
Mnie qu'ignore, hélas! l'aveugle chercheur d'or,

Les sacrifices altérés de récompense
— Trompeurs frémissements de ce roseau qui pense,
Roucoulements masquant les griffes des condors —
Teuvent humble ton seuil, étroits tes corridors.

Mais ils sauront un jour, tous, ta magnificence,
Maison d'or, maison d'or, maison de mon enfance.

FEDERIS ARCA

Arche d'alliance, apprends-nous ta Loi sacrée
Qui sous les noirs "jamais", fait jaillir la durée
Écnelante de l'amour dont les nocées
Aurores, explorant des mers inexplorées,

Nous montrent la colombe et l'olivier fleuri,
La Colombe, symbole ailé du Saint Esprit,
Et l'Olivier, sonore emblème de l'abri
Où notre mal originel sera guéri.

Arche d'alliance, apprends-nous ta Loi sacrée
Qui dans l'instant furtif a fixé la Durée.

A Obra Imortal de Julio Verne

O maior sucesso de gargalhada

I
Camões, sublime poeta português,
Se visse ainda hoje a luz do dia
E lesse Julio Verne, uma só vez,
Por certo, outro poema escreveria
Aonde, com denodo e alizez,
No fecho duma estrofe, ele diria:
—Cantando espalharei por todo o mundo
«As obras deste sabio tão fecundo!»

II
Mas como o egregio vate já partiu
Ha muito deste mundo, com tristeza,
E outro, que o igualasse, não surgiu
Para os ombros meter a tal empresa,
A Memoria do Sabio repeliu
Esse alvitre, por ter bem a certeza
Que a obra imortal, da sua idea,
Val' bem mais que um poema ou epopeia.

III
E' obra que a si mesmo se reclama;
E espalhada já está p'lo mundo inteiro,
Aonde toda a gente a lê na cama
Recostada em fofinho travesseiro,

O velho, a velha, o novo e mais a ama,
Embebidos no genio aventureiro,
Como um valente «ás» da aviação,
Fariam «seis semanas em balão».

IV
E também, da familia, as velhas tias,
Os meninos mais novos e as meninas
Davam «a volta ao mundo em 80 dias»
Ou as «vinde mil leguas submarinas»,
Mas as velhas, já cheias de arrelias,
Com tais aventureiros e traquinas,
Só lhes dizem: —Não queremos diabruras
E acabem de lêr as aventuras.

V
E Julio Verne, assim, sem o sonhar,
Vai instruindo os homens d'amanhã
Que lêem, com afincio e a estudar
Varias ciencias, qual delas a mais sã,
Quando velhos, então, se hão de lembrar
Que o que sabem o devem a BERTRAND
Que lhes proporcionou, quando miudos,
Livros de Julio Verne a DEZ ESCUDOS.

ERICIO



A' venda em todas as livrarias

CAFÉ-RESTAURANTE «CHIC»
Reabriu inteiramente remodelado.
Serviço á carta. Prato do dia econômico e abundante.
Sextas feiras—Bacalhau á «Chic».
Terças feiras—Bacalhau á «Falcão».

RADIO EUROPA
REPARAÇÕES
T. S. F.
O LABORATORIO
mais completo do país
R. Augusta, 75, 1.º—LISBOA

Jóias genero antigo
Lindos modelos a preços baratissimos — Grande sortido
Ourivesaria: SANTOS CATTA, L.da
R. EUGENIO DOS SANTOS, 44

UMA TESE BRILHANTE

Alexandre Herculano

pelo dr. VITORINO NEMESIO

Ha meio duzia de anos, entrava nas redacções dos jornais um rapazinho magro, hirtto, esgroviado, de seco falar açoreano, cuja pena logo brilhou, em maravilhosas crónicas, enroupadas da mais bela linguagem que, então, se escrevia. Chamava-se Vitorino Nemezio e, até ali, ninguém ouvira falar nele. Este produto curioso, exótico, pouco a pouco, apenas pelo poder da sua pena conquistou um nome. Entroncheado na sua modestia, excessivamente tímido a sua conversa cheia de silêncios, caía inerte, apagada, como os troncos que se encinzeiram, madrugada alta, nas brazeiras dos solares antigos.



VITORINO NEMESIO

A' sua mesa de trabalho era, porém, outro, pensamento nobre, substancial de cultura, uma observação clara, sarjando os acontecimentos até lhes penetrar o conteúdo e, sobretudo, um estilo rítmico, vivamente modelado, no mais belo tesouro da língua.

Quando Vitorino Nemezio sacudindo os «linguados» do jornalismo, publicou A Varanda de Pilatos, o seu nome, feito dignamente de trabalho, começado de baixo, pedra a pedra, sem vaidades de transigência, era já conhecido nos meios cultos do país. Falava-se de Vitorino Nemezio como duma esperança, melhor ainda, como da maior revelação literária da sua geração.

A Varanda de Pilatos, romance da puberdade, notulado magnificamente de psicologia, documentou admiravelmente o talento do autor. As suas provas estavam dadas. Era tempo de seguir existência fora, completando o curso de letras.

Eis Vitorino Nemezio, anos e anos, enterrado na biblioteca da Universidade de Coimbra, nas celas de leitura, devorando como uma larva, as laudas dos in-folios e dos incunabulos, tal qual, os monges que, na idade-média, na sombra conventual, enquanto do mundo, talado pela guerra, desaparecia a cultura greco-latina, mantinham acesa a luz do espírito e da beleza. O contacto com os livros não converteu Vitorino Nemezio num desses sábios estritos, metódicos, de alma mumificada e sensibilidade poeirenta, que não sabem do mundo e da vida se, não o que se escreve.

Deram-lhe força mental, criando, talvez, uma nova personalidade. Ecce, homo! A adolescência morre, com as ultimas flores do pecado e da ilusão, vistos da Varanda de Pilatos, e surge, afinadas as qualidades da matéria, o prosador excelente e o professor que, nas Faculdades de Letras de Lisboa e Montpellier em lições magistrais, galvaniza o interesse dos alunos, revivendo a historia literaria, em interpretações dum humanismo vibrante, intenso, e duma singular nitidez de conceitos e de encontros filosoficos.

Vitorino Nemezio que a esta hora se está doutorando em Letras, é um apaixonado de Herculano.

Talvez que o feitiço duro e ascetico do grande historiador tão identico ao

seu, explique a admiração profunda que ele lhe vota. Ei-lo reconstituindo, nas três zonas, a moral, a literaria e a afectiva, essa figura gigantesca, que surge una na pureza integral das suas linhas e da sua obra, nos dois volumes que Vitorino Nemezio deu agora á estampa, e que constituiram a tese do seu doutoramento.

O Diário de Lisboa literario sente-se honrado, publicando um trecho dessa obra:

«Parece que o estou vendo—escreve Rodrigues Cordeiro;—mais alto que baixo, cabelo curto, cortado á escovinha, olhar fundo e firme, labios delgados, pouco propensos ao riso, e dessa magreza nervosa, que é o sinal da força e da coragem civil».

E Bulhão Pato:

«Quem diria, ao ve-lo—como eu o estou vendo agora, photographado pelo seu amigo Dulac, sobre um cesto vindimo, com o grande chapéu de abas largas, quebrado da fadiga campestre,—(...) «Sim—como eu o estou vendo neste momento!

«—O' mestre! Levanta-te e anda!».

A impressão d' um ser extraviado

em época que não era a sua época; a sensação de bôlide de outra atmosfera moral caindo na crusta amolgada do Portugal dos novos tempos, é a dominante nos que o viram. E ficavam quasi sempre siderados, atônitos num estado de choque fronteiro entre a admiração e a angustia.

Mas o mais interessante da imagem que Herculano deixou atrás de si não é talvez o rigor do seu perfil sulcado, a severidade da sua máscara carregada de força e de ditames, senão a majestade do seu vulto, o excesso de espaço que ocupa nos longes da vida portuguesa e a impoência interior que a massa das suas linhas acusa. Sente-se em muitos que o evocam o constrangimento e o salto que vai do menor ao maior, mas ao maior que faz perder o sentimento de proporção, que desconcerta e desleixa, comprimindo o observador até ao canon de Lilliput. Alves Mendes o diz: era «um homem exorbitante».

Outros, aclimatando-se á serrania («montanha espiritual de la eterna roca ibérica» lhe chama Unamuno),

conseguem serenar, atrevem-se a explorá-la, e saem de lá com a impressão que Gomes Leal exprime admiravelmente nestes termos:

«Ele era como essas salas amplas e antigas, em que se passaram inolvidaveis dramas e cujos ecos sonoros ainda nos dão um arpejo de mistério».

Se uma metáfora aquecida pela commoção oferece a chave-do-enigma com que se abre um homem de par em par, a de Gomes Leal é, de todas as que conheço, a de que se estava á espera para abrir o interior de Herculano:—o salão fechado e cheio de sombras que a percussão dos nossos passos povoa de ecos extraordinarios; o Mosteiro Deserto que subitamente invadimos com vontade de chorar e de ser monge. Por isso a sensação produzida pelo desaparecimento desse homem foi a da rarefagção:

«Com a morte de Alexandre Herculano,—disse Consiglieri Pedroso,—alguma coisa insubstituível, que nunca mais voltaremos a ter, se perdeu para sempre neste nosso Portugal».

Não é difficil talvez chegar ao «amago da sua indole», que ficou integra na galeria de personagens fictos e reais da sua obra e vive de vida espectral nos actos que ele proprio praticou. Mas é essa mesma presença, essa tensão do «ser Herculano» na sua vida contada e em seus livros, que convida a quebrar a vidraça de gelo for-

(Ver continuação na 8.ª pagina).

As notas intimas de Fialho

(Continuação da 1.ª pagina)

des corpos inflados em sudoestes de tela embreada, com as boinas cingidas á cabeça, os olhos claros, franjas de cabelos amarelos sobre a testa, os grandes pés e mãos roxos ou vermelhos de frio, pisando chato, com passos moles, e disformes nas telas embreadas, despindo-se á pressa, e ficando com os trajos de «panas», as calças largas, as blusas,—as mãos e pés crestados da salmoura, os cabelos cheios de escamas e de sal, e correndo ás barracas e bainiques do cais, a beber café, vinho, ou comprar pão, frutas e umas especies de empadas que têm dentro peixe ou carne numa especie de polme frito.

Os barcos, apenas afrentam a doca, amainam a vela que cai de repente, e o barco fica morto na agua chapinhando; e então entram a remos e aproximando-se do cais.

Saltam todos para terra; os barcos descarregam; velhas com cestas pedem esmolás de peixe que ninguém lhes recusa; dali a nada, o barco descarregado, de novo os tripulantes voltam e saltam nele; e ei-los saiem á vela, lentos, sem palavras ruins, sem chacotas; a côr dos fatos, na côr fusca das aguas (dia de chuva, brumas, nuvens, tudo em tom d'animatografo) parece coisa de baixo relevo e de pintura, em amarelo e côr de chocolate, rudemente esboçado, os grandes corpos, as velas que batem agua como barbatanas fatigadas—as palavras raras, os risos poucos, um ar de gravidade dura e antiga onde alguma palavra ou sílaba estrugem».

Chama-se a isto saber ver—e saber escrever o que se vê.

Os cadernos, de que adiante daremos relação, são além disso manancial fertilissimo de pitorescas notas e aneddotas.

Veja-se este engraçado ramalhete:

«O Hintze, no leito onde João de Deus estava morto:—Mestre, adeus!

Quando deram aos soldados de Africa, a medalha D. Amelia, deviam-lhe 7 meses.

O Valbom pai, quando lhe levaram a conta do enterro do filho, aproveitando o Hintze ter dito que era uma perda nacional, não a quiz pagar, e reenviou a conta ao governo.

As contas de Valbom filho, depois de morto, chovem em casa do pai: um preguista:—Seu filho fica mas é nas letras protestadas.

O Chaby, dizendo-se estudante, recita poesias em tudo.

Edital da Camara de Chaves:

A Camara reúne-se ás segundas-feiras, excepto se fôr domingo ou dia santificado.

Num documento, o secretario, esparto, era doutro partido e tinha filé em estender os vereadores. Ao tratarem de firmar, disse-lhes:

—Basta a rubrica.

E eles escreveram:

—Rubrica.

—Rubrica.

—Rubrica.

Ficou-lhes a Camara das Rubricas.

Proverbio.—Eles invejam o vinho que eu bebo, mas não olham pr'as quedas que eu caio.

Pegar numa espingarda é coisa má: quando tal se faz, é sempre para dar cabo d'alguem ou cabo de si.

Beja (popular).—Sem sé, nem fé, nem ponte, nem fonte, nem monte».

Enfim. Por hoje basta, que vai faltando o espaço, embora não falte o assunto neste prodígio tesouro de espirito agora descoberto—uma verdadeira «mina», como se diz.

Do mais que nos parecer susceptivel de reprodução, iremos dando noticia neste «suplemento», em proximos artigos. E creiam que, se alguma coisa nos move, é principalmente o respeito á memoria dum homem a que nem sempre se faz justiça, res-

peito, a nosso ver, valorizado pelo facto de admirarmos também muitos dos que foram seus adversarios.

ANTONIO LOPES RIBEIRO

Segue a relação cronologica dos 24 livros agora em nosso poder:

1894.—Janeiro (1 livro).—Apontamentos diversos sob varias indicações, como:—«Para A Sombra», «Frases populares alentejanas», «Tipos para o romance Os Cavadores», etc.

—Setembro (1 livro).—Caldas da Felgueira.

1895.—Maio (3 livros).—«Apontamentos da viagem ao Algarve».

1901.—Setembro (2 livros).—«Jornada a Salamanca e Valladolid (minha primeira digressão a Espanha)».

1902.—Setembro (1 livro).—«Notas de viagem sobre o Minho e Povoá de Varzim e Vila do Conde».

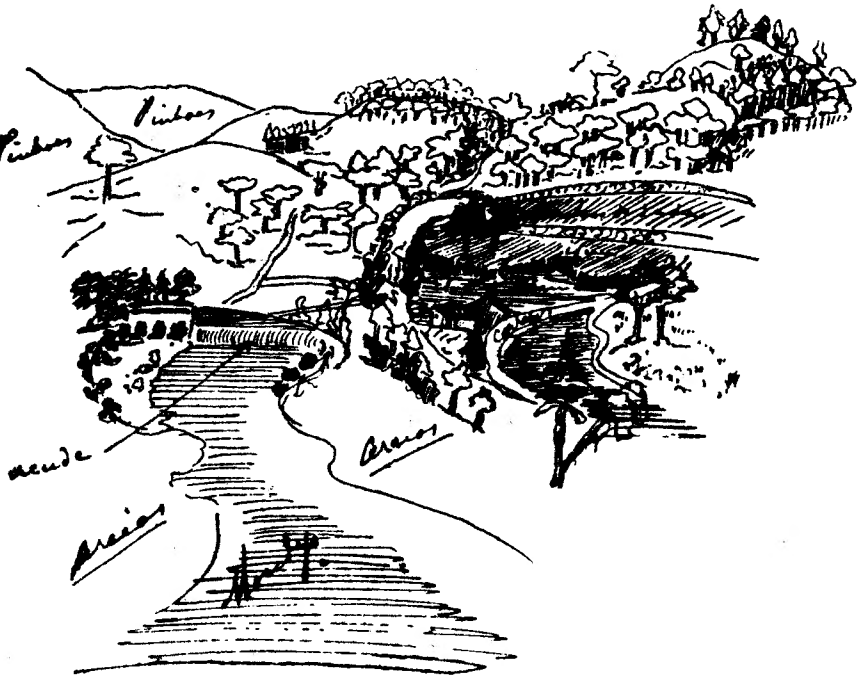
1903.—Verão (4 livros).—«Viagem á Galiza».

1907.—1 a 22 de Setembro (5 livros).

—Vidago, Montalegre, Ponte do Tamega, Chaves, Cabeceiras de Basto, Vila Pouca, Lixa, Ribeira de Pena—1.ª viagem a Espanha:—Verin, Orense, Corunha, Ferrol, Leon. Costumes e impressões.

1910.—Agosto/Setembro (5 livros).—«Viagem pela Europa».

Sem datas (2 livros).—«Locuções e termos e lembranças historicas do Monge de Cister, de Herculano, para meu uso», e apontamentos diversos.



Um desenho de Fialho de Almeida (Caldas das Felgueiras)

LETRAS CONTEMPORANEAS

O caso singular de "Um Caso Singular"de **Alves de Azevedo**

A crítica acolheu com justas palavras de apreço e o publico com grande interesse o ultimo livro de Alves de Azevedo, intitulado «Um caso singular». Mas o mais recente trabalho do autor de «Figuras contemporaneas» e «Problemas do século XX» — dois volumes de ensaios em que se debatem os casos literarios, sociais e politicos que mais apaixonam as novas gerações — apresenta, a nosso ver, um aspecto curiosissimo que não foi encarado por nenhum dos que o apreciaram. Referimo-nos ao seu aspecto satirico, em que o critico se revela (como já nos deixara antever no seu «Esboço de programa politico dum partido em elaboração») um humorista no sentido nobre da palavra, isto é: tal como a entendem os ingleses.

Em toda a obra de Alves de Azevedo se nota — e ele não procura occultá-la — a mais nitida influencia da cultura e literatura britannicas. Em «Um caso singular», tanto na sua construção como na sua forma, ela é de tal modo aparente que, traduzido em inglês, aquela especie de esquema analitico dum romance standard faria exito nas livrarias de New Bond Street. A maneira originalissima como o autor se intromete nos conflitos das suas personagens, o soberano desprezo do criador pelas suas criaturas, a simplicidade com que lhes põe á mostra os defeitos mais intimos — fazem de «Um caso singular»... um caso singular nas letras portuguezas.

Transcrevemos em seguida dois capitulos caracteristicos, segundo a edição da Parceria Antonio Maria Pereira, que tem na capa uma linda aguarela de Martinho da Fonseca.

Mario Nobrega nessa noite dormiu pessimamente. Outro tanto aconteceria a qualquer de nós.

Acordou indisposto com a sensação de ter visitado o abismo.

A derrota das manhãs mal passadas senti-a no corpo embora nenhum esforço de ordem fisica a justificasse.

Sómente o seu sub-consciente trabalhara toda a noite actuando imperativamente na sua fisiologia.

* * *

Quando Mario com seu passo descansado e firme passeava na praia conversando com alguns amigos dos dois sexos, que se divertiam imenso com o coleante matizado espiritual da sua palavra sorridente, dando aquele passeio destinado a demorar a hora do banho e a torná-lo mais interessante e capitoso, viu ao longe Manuela que da balaustrada o olhava com uma tão indizível expressão de melancolia que a sensibilidade de Mario recolheu essa suplica silenciosa, esboçada nas linhas do seu sorriso triste, tão minuciosamente como chapa fotografica ultrasensível, sentindo-se profundamente culpado. Entretanto, nem ele próprio saberia dizer de quê. Só se fôsse por haver esculpido tão perfeitamente a sua vontade na de Manuela que esta já não sabia escapar-se-lhe. Que havia realmente um remorso paradoxal na atmosfera em que aquela vivia e que Mario surpreendeu, sem todavia, saber diagnosticar bem por quê. Era o remorso presente duma acção futura que um determinismo obscuro não consente que evitemos.

Mario continuou a passear mas não perdendo de vista Manuela que se encaminhava agora para a escada que conduzia á praia.

Mario percebeu uma angustia imprecisa na indecisão de Manuela que, sentindo-o acompanhado por mulheres, inconscientemente se aproximava dele para interpor a sua presença entre alguém que ella considerava já sua propriedade e essas inimigas que adivinhava nas suas semelhantes.

Vendo-a aproximar-se Mario foi ao seu encontro. A simples pressão da sua mão na mão macia e nervosa de Manuela quebrou a inquietação desta, de tal modo que sem mais realizar a verdadeira posição em que se encontrava — alvo de todos os olhares benevolamente cínicos dos e das veraneantes — abriu um lucido sorriso de prazer de tal forma compromissorio que na sua expressão habitualmente casta tomou



ALVES DE AZEVEDO

um cambriante sensualissimo, que a sua mão muito tempo entre a de Mario retocou de um sentido indubitavel.

* * *

Julga o romancista ocioso fazer aqui a análise pormenorizada das reacções do publico que assistia aos debates amorosos dos seus heróis.

Outro-sim supõe desnecessario alongar-se em comentarios sobre a attitude duvidosa ou não das companheiras de Mario. A compostura habitual das raparigas portuguezas nas praias portuguezas é por demais conhecida de todos os nossos leitores para que detalhando-lha nós lhes forneçamos melhor ideia do que a que elles têm dessa tela viva de sol, oiro e carnes a torrar. A imaginação do leitor — por certo frequentador das nossas praias — é um factor excessivamente despresado pelos escritores de imaginação.

A arquitectura de um romance deve repousar principalmente no espirito construtivo do leitor que — se o é realmente — ha pessoas que não lêem, folheiam — procura sempre integrar-se no ambiente dos personagens cuja historia o está distraíndo ou aborrecendo, completando-o com a sua experiencia pessoal e humana, numa palavra, procurando imaginar-se pessoa quando não consegue identificar-se com alguns deles. E' neste estado de espirito do leitor que confiamos, para evitarmos ter que desaguar na insipidez de uma reportagem — que é no fundo tudo quanto se conta — que por melhor feita é sempre inferior áquilo que podemos conhecer apenas com os recursos proprios da nossa imaginação.

* * *

Depois de terem dito aquelas frases micrometricas que os amorosos sempre constróem com um cuidado meticuloso com receio de ferir ou rasgar a figura de gasé que um para o outro constróem, Manuela e Mario resolveram tomar banho.

Percorreram lentamente a praia em fado de banho — ele realmente, ella de

roupão — e por fim quando a termodinamica sensual se começava a apoderar deles entraram pela agua para arrefecer na espuma macia das ondas pequenas a sua febre passiona.

XI

Nessa noite de recordações indeleveis para Manuela a violencia masculina triunfou uma vez mais da proibição bíblica: Não conhecerás a mulher do proximo.

Furtivo como uma sombra cinematografica Mario insinuou-se em hora propicia no quarto de Manuela. Aliás não se sentia de nenhum modo culpado, mesmo considerando a moral cristã, pois que em verdade o caso de Manuela era de facto «um caso singular» a que era impossivel, com efeito, aplicar as normas usuais.

* * *

No dia seguinte de manhã — «tudo neste romance se passa muito rapidamente, ha de pensar o leitor» — a população do hotel como que adivinhando uma violação daquela moral hipocrita que todos querem ver os outros cumprir, mas que eles proprios se empenham em iludir absolutamente, agravou a recepção que já alguns dias desconfiada e hostil vinha fazendo a Manuela, que sentindo-se dissimuladamente espreitada, procurou a defesa na meia solidão do terraço onde fez que lhe servissem um qualquer gelado para justificar a sua presença inesperada a essa hora.

A sua imaginação construía metade da attenção de que se supunha alvo.

A consciencia de que já não era a mesma mulher da vespera despia-a diante de toda a gente. Sentia-se envergonhada e contrafeita, duas sensações que para ella, neste caso, tinham o travo da novidade. O seu tormento começava. O temperamento nervoso de Manuela amplificava agora a sua sensibilidade que exacerbada já pela sua vida interior, era já quasi a de um «self-tormentor» daquelas pessoas que a si mesmas fazem um mal extremo com os seus proprios pensamentos.

Uma revolução psicologica e moral se operava nela. Os seus sentimentos religiosos tomavam uma direcção e a sua intelligencia, embora clara, começava a abalar-se perante a argucia della mesma, que se empenhava em demonstrar-lhe cabalmente a fraqueza ignominiosa do seu proceder, fazendo-lhe desvanecer em dialecticas sombrias a vitalidade admiravel do seu gesto — abandono total da sua pessoa a alguém que lhe parecia fisica e intellectualmente aquilo que os ingleses chamam «his mate» — a alma gêmea, para usarmos o gasto e redondo lugar comum.

E a luta era sem treguas porque, embora a sua religião não lhe permitisse duvidar do que seu fóro interior lhe aconselhava, qualquer coisa no seu intimo lhe gritava saudavelmente a sua libertação completa, aconselhando-a á rebelião e a fazer tabua rasa de um preconceito secular que a asfixiava para a vida, devolvendo-a a uma existencia de treva e ranger de dentes.

E nesta meditação absorvente sem fim que quasi a fazia esquecer a sua pessoa fisica e a posição em que se achava a veio encontrar Mario que lo-

go de longe compreendeu as angustias que a possuíam e que ella procurava resolver.

* * *

Mario sentou-se na cadeira do lado e achou prudente que fôsse ella a romper o silencio.

Manuela com uma voz suave e fria como um fio de gelo, iniciou, por fim, a conversação:

— Escrevi hoje a meu marido annunciando-lhe o meu regresso para daqui a uns dias.

— Tenho estado a pensar o que devo fazer de si. A minha situação complicou-se muito com o seu aparecimento.

Manuela apesar de tudo quanto se passara obstinava-se em tratar o amante na terceira pessoa. Isto aliás pode ser tomado como um traço do seu caracter.

— Acho que se voltar já para Lisboa deve ir para casa de seus pais. Eles, de mais, já sabem que não se entende bem com seu marido e não se surpreendem com certeza com a sua resolução, respondeu Mario, cautelosamente e com um fingido interesse pessoal no assunto.

— Talvez me resolva a adoptar essa solução. E numa voz onde perpassava um magoado pensamento: Terei que mentir. E é você quem me obriga a fazer o que nunca imaginei.

— Você já sabe que comigo pode contar sempre, sublinhou Mario sem convicção e com uma frouxidão de reacções que o atraçoava.

Sentia-se alagado em responsabilidades. O ancestral cavalheirismo da sua raça modelada na doutrinação catolica e burguesa que faz do homem o protector e o dono nato da mulher, a perplexidade que fazia surgir na sua mente um dilema inédito, coagiam-no a imaginar responsabilidades que até aí as suas aventuras facéis, se bem que sempre com mulheres muito difíceis, jámais haviam logrado acordar-lhe.

Tambem a inconfessada tendencia do seu espirito para as soluções comoditas — o seu criterio displacente em materia de amor lhe faziam supor remediavel um problema que para a mulher é sempre sem solução.

* * *

Manuela começava a realizar o delicado e problematico da sua situação. Mas fóra «casada» em toda a acepção que esta palavra contém, e agora, mercê do que se passara, já não podia fazer valer essa circumstancia caso pretendesse divorciar-se; e o seu regresso ao marido implicava o inicio duma vida sexual que a possibilidade dum filho obrigava, mas que a sua moralidade mental e fisica não aceitava absolutamente.

Uma inconsciencia que ella saboreava como um «coquetel» delicioso e de que só agora se apercebia, e cujas raízes se achavam decerto na emotividade sexual, atira-a para uma situação insustentavel que, a não romper com o marido, o que desejava evitar a todo o transe com o receio dum escandalo — sempre o seu eterno respeito humano — dado o caracter tórpe daquelle, que sem duvida não aceitaria uma separação sem a emporcalhar com toda a suposta imoralidade do seu procedimento, a obrigaria a representar uma comedia indigna que a sua rectidão profunda e a sua maneira de ser de catolica impenitente, não lhe consentiam que aceitasse.

* * *

Manuela sentada no terraço, silenciosa, escutava o murmúrio modelado numa gama suavissima das palavras — penso do amante curativo que elle, como todos os homens, usava sempre depois de ferir, — exactamente ao invés do que fazemos nós, espiritos delicados que não executamos um homem condenado á morte se acaso lhe doí a garganta ou se encontra um pouco constipado.

Manuela parecia estar muito triste e não sentia o influxo benéfico — ou «soit-disant» com esse efeito — das palavras de Mario.

Este na sua fatuidade masculina — os homens inteligentes ainda mais que os outros, em materia de amor, são sempre um pouco fátuos — experimentava já o gelo de uma aventura cuja principal animadora soffria mais no seu prazer da evasão das normas usuais, do que no rígido horario imbecil e morno estabelecido por um marido clumento e estúpido.

E pressentia irritado a acidez e o rescesso de um desapontamento justamente quando a sensualidade inexperiente de Manuela começava a despertar a sensibilidade embotada por mulheres muito sábias.

LEILÃO DA LIVRARIAdo Ex.^{mo} Sr. Doutor**RUY ULRICH**

E' na proxima segunda feira, 14, que será leiloada a parte final, sem duvida a mais importante e interessante daquela famosa livraria. O catalogo descrevendo perto de 1.500 obras distribue-se na Livraria Manuel dos Santos, L. do Calhariz, 14. Telef. 28477.

**3 ORIGINAIS PORTUGUESES
3 SUCESSOS LITERARIOS**

A Grande Ameaça — Romance-documentario por Adolfo Coelho — 1 vol. 10\$00

A Vida Amorosa de D. Pedro IV, por Silva Tavares — 1 vol. illustrado 10\$00

No Mar Tenebroso, por D. Virginia de Castro e Almeida — 1 vol. 10\$00

Livraria Classica Editora

Restauradores, 17

O PANORAMA LITERARIO PORTUGUES**Ana de Castro Osorio responde ao nosso inquerito**

—A iniciativa deste inquerito é mais um grande serviço que o «Diário de Lisboa»—que já tanto tem feito pela cultura nacional—está fazendo. Num país em que os escritores vivem desligados e afastados uns dos outros como feras isoladas em jaulas ou aves em seus poleiros, bom é que se ponham em relações uns com os outros, sabendo o que pensam sem ser pelos livros, que é a obra abstrata e feita para ficar definitiva e sim pela comunicação social, que é o que se perdeu em grande parte entre nós.

—A literatura portuguesa está em crise?

—Não concordo com os que dizem que a literatura portuguesa está em crise, porque de facto a crise não é de falta de escritores nem de obras que tenham feito e podido publicar, mas sim da incultura do publico que não se interessa pela leitura de livros, distraído pela imprensa diaria que lhe dá todos os escandalos e tragédias da vida, não só nacionais como estrangeiros, com o exagero desportivo, com o cinematografo e sua ficticia vida de projecção com os seus actores passados, pela revista e periódicos ás relações pessoais de toda a gente.

—Então?

—O que falta não é quem leia mas quem tenha ao seu alcance livros e crie por eles o gosto de os ler e de os possuir.

—Regista alguns valores literarios dignos de nota?

—Nós não podemos nunca avaliar bem os valores do nosso tempo porque só o futuro marca os que definitivamente ficam a viver na literatura nacional. Isto entre nós como em toda a parte. Há escritores considerados em vida como definitivos valores, que toda a gente admira, consagra e coloca á frente de bandeira do orago em procissão de aldeia e que 10 ou 20 anos depois já ninguém conhece, enquanto outros que no seu tempo eram quasi desconhecidos ou pelo menos humilhados pelo confronto, são consagrados para a grande literatura mundial. Andersen é um exemplo flagrante e entre nós alguns há também. Eu nasci numa época em que Mendes Leal, Palmeirim e João de Lemos e outros eram considerados mestres, que roçavam em sua fama a sombra enorme de Garrett, e hoje ninguém os lê, se bem que algumas das suas obras o merecessem.

Recordando sempre:

—Ainda conheci a gloria de Tomaz Ribeiro que a ninguém era permitido desconhecer e andava na memoria de toda a gente como recitativo obrigatório. Hoje a sua memoria é simpática e piedosamente recordada e a sua obra consagrada por poucos.

A maioria só o conhece por um verso ao qual tiraram uma virgula ficando uma afirmação ridícula que por isso mesmo caiu no publico e até já passou as fronteiras. Porque o poeta não disse, nem podia dizer que «Portugal estava plantado» á beira mar, mas sim que estando á beira-mar estava «plantado de arvores e flores».

Repito: o que nos falta não são escritores e alguns muito bons, mas leitores que os leiam, compreendam e sintam.

O nosso problema é só esse: criar um publico leitor.

—De que maneira?

—Eis o problema a estudar e resolver, e que a meu ver não é de difícil solução. Para criar um publico leitor basta que se ponha ao alcance de todos em edições populares as obras literarias e que se organizes uma propaganda bem dirigida e inteligente pelo país e colonias.

—Quem publicaria esses livros?

—Se não houver quem o faça particularmente, que o faça oficialmente o governo criando prémios e bibliotecas populares e escolares. As Camaras Municipais, os beneméritos que hoje pedem livros como caldo ás portarias, os editores animados publicando-os e espalhando-os pelo país por meio da propaganda de venda avulso.

O exemplo é frisante e mesmo actual

Ana de Castro Osorio é talvez hoje para muitos um nome esquecido... No entanto, a sua obra, que nunca foi especulação literaria, mas dum alto sentido moral e educativo, não tem par no pensamento português. Educada num meio intelectual ela soube ser, com a mesma bondade e a mesma modestia, uma senhora, de nobres virtudes, e uma escritora de grandes qualidades. Honradamente sentada á sua banca de trabalho, num periodo em que elegantes «bas-bleus», disqueteavam com mais ou menos espirito e futilidade, em aristocraticos salões, ela construiu para os seus filhos, e para os de todos nós, uma bela e luminosa obra de educação e de sensibilidade. «Semper idem»—é a sua divisa. E, de facto, sempre igual a si mesma, a criadora da literatura infantil em Portugal, que, em belas paginas, descreveu a nossa historia, com a mesma graça, a mesma ingenuidade, a mesma frescura dos maravilhosos contos de Perrault. A sua acção politica que a teve, nunca se revestiu de violências agressivas, para esmagar, condenar os adversarios. Nem Madame Stael, nem Maria da Fonte. Antes, tipicamente portuguesa, na sua essencia de bondade, de paz e de desinteresse. Ao marcharem para a guerra, os nossos soldados, D. Ana de Castro Osorio, organiza inumeras obras de protecção ás mulheres e aos filhos dos que partem e aos feridos que regressam. Multiplica-se! Leva a toda a gente a mensagem da esperança, que seca as lagrimas, que atenua as saudades e que aplaca as dores. A mulher iguala-se á escritora. Mas a sua obra literaria continua, luminosamente. Depois de educar as crianças no amor da patria, na sua bela linguagem, tecida de doiradas imagens e tão clara de verdade como a luz do sol, ela ensina aos cavadores, aos emigrantes e aos operarios a nossa lingua, na escola livre dos seus livros.

Como Maria Amalia Vaz de Carvalho, a autora da «Minha Patria» não é um nome que flutue ao sabor das circunstancias. Pertence já á historia literaria do nosso tempo—mesmo sem as homenagens a que tinha direito e que um dia chegarão como tudo neste mundo!

no que se está passando com a nova edição «popular» da «Lisboa Antiga» de Julio de Castilho, bela iniciativa da Camara Municipal.

—A politica penetra a literatura?

—Um dos maiores inimigos da cultura literaria—pelo menos assim tem sido no nosso país—é a politica, já nem mesmo falo no estado revolucionario. Em 1906 houve um concurso para premios escolares acompanhando uma boa avancada contra o analfabetismo, que entusiasmou toda a gente e especialmente o professorado.

Desses livros para premios ás crianças distintas nas escolas primarias, dizia-me o livreiro editor Ferin, hão-de ser necessarios 11.000 volumes. Pois o governo mudou, João Franco por opposição pessoal, ao que se disse, não aceitou bem a iniciativa e dos livros (pelo menos do meu, «A Minha Patria», de que era editora) só aceitou uns ratinhos 5.000 que foram pagos pelo Governo que se seguiu. Pois dessa iniciativa ainda hoje há rastros em leitores que guardaram esses livros. Não só pelo gosto de os lerem como pela recordação da alegria que lhes deram. No Rio de Janeiro encontrei um «chauffeur», que não sei como sabendo o meu nome me disse comovido: «Eu fui dos premiados com a «Minha Patria» e ainda hoje a guardo e a leio quando estou em casa».

—Os premios escolares, infelizmente, acabaram...

—Os premios escolares ainda se foram arrastando, embora sem o entusiasmo do primeiro ano, mas a Republica triunfante não só acabou com eles com a peregrina ideia de que o prémio é imoral e a recompensa está na propria consciencia, como anulou um concurso aberto e ao qual já estavam os livros entregues.

Vem a guerra, os soldados portugue-

ses, porque havia entre eles muitos rapazes cultos, sargentos e oficiais, envergonhados talvez com o exemplo dos outros países, pedem leitura. A revolução sidonista acabou com todas as propagandas atirando as melhores intenções para a rede varredora da suspeita imerecida.

—Coisas nossas!

—Ainda com a minha obra de quasi 40 anos dou outro exemplo: comecei com a publicação «Para as Crianças» o renovamento da tradição popular criando assim uma literatura infantil portuguesa. Essa iniciativa foi um triunfo em todo o país, não havendo jornal que espontaneamente a ela se não referisse. Segue-se o livro literario «Infelizes» e o mesmo sucede, embora a venda não tivesse, é claro, o grande publico dos contos para as crianças. Vem o romance «Ambições» que ainda teve uma boa imprensa, mas as «Quatro Novelas» nos anos que começaram a ser tragicos de 1907 e seguintes passaram despercebidos e esgotaram-se mas como agua corrente em terra maninha.

—Como observa o problema editorial?

—O problema editorial que preocupa os editores é diverso do dos escritores. Eles queixam-se da falta de mercado do Brasil. Mas que mercado? O das traduções baratas e a maior parte das vezes más? E friso más, porque uma boa tradução tem o valor dum original para a literatura dum lingua; haja em vista as de Walter Scott de Ramalho, consideradas classicas, a de «D. Quixote» por Castilho, a do «Pescador de Islandia» de Maria Amalia, as de Camilo, do Eça e outros.

—Esse mercado?

—Não nos interessa nada e bom é que se feche por que nada importa ao



ANA DE CASTRO OSORIO
e um dos seus netinhos

problema natural português. O livro original literario e científico há-de ter sempre o publico culto brasileiro como sempre teve. Do que precisamos é do publico português para o livro português. Esse é que é necessario ser chamado ao interesse da cultura do pensamento e da alma do seu país como fez a Italia com a sua e todas as outras Nações com as suas. Para isso requiere-se que o Governo por intermedio da Propaganda, dos consules ou seja como for, se entenda com os livreiros portugueses e se mantenha com a colonia relações intellectuais que a honrem e sirvam a Nação. Além desse publico, da mesma forma se devem trabalhar os nucleos coloniais dos Estados Unidos e outros mas principalmente o Portugal Ultramarino, pois não é compreensível nem justo que o pensamento e a criação literaria dum lingua admiravel como a nossa viva na cela penitenciaria de escassos mil leitores devendo ter duzentos mil a avaliarmos pela Noruega, que tem 3 milhões de habitantes e cem mil leitores.

Uma afirmação:

—As propagandas contra o analfabetismo sem a propaganda do livro são maravilhas que o vento espalha.

«Tinha muito que dizer neste sentido mas o espaço não o comportaria. De resto na minha colaboração quinzenal no «Primeiro de Janeiro», isso e muito mais tenho escrito sobre este assunto, que os editores do Porto lêem e ao publico ali vem interessando.

—Recorda alguns nomes dignos de serem lembrados?

—A geração anterior á minha teve grandes valores que ficam definitivamente como Antonio Feijó, Camilo Pessanha, Fialho de Almeida, para só falar de alguns mortos.

«Da obra de Fialho é necessario fazer-se uma edição popular seleccionando os contos e separando-os da obra de critica, que não interessa ao grande publico, para fazer conhecer essas maravilhas de sensibilidade e de arte que em coisa alguma são inferiores á s russos consagrados, aos grandes aclamados dos países escandinavos, antes pelo contrario.

—E da actual geração?

—Da minha geração bastará que fique a sensibilidade ardente de Raul Brandão, Afonso Lopes Vieira, não só como grande poeta que é, como também pela sua acção cultural admiravel, José de Figueiredo critico d'Arte realizador dum acção que nos põe a par dos países mais ricos na arte pictural. Claudia de Campos, grande talento do romance, infelizmente morta, precisa ser revelada ao publico, devendo-se impôr uma reedição dos seus romances. Citarei ainda Virginia de Castro é Almeida que necessita ser lida de novo e conhecida pelos seus romances tão bons e uteis...

Final da entrevista:

—Queria ainda dizer-lhe ue não acho o livro português caro mesmo que custe 10 ou 12\$00 porque qualquer coisa inutil que toda a gente compra custa isso ou mais, mas hoje com iniciativas simpáticas como a da «Parceria Antonio Maria Pereira» editando romances portugueses, brasileiros e traduções de boas obras que põe no mercado a 4\$50, chega a ser ridiculo falar na carestia do livro português.

«Fica-me tanto por dizer que chega a ser aflitiva a idéa do espaço que é concedido ao inquerito, mas não quero terminar sem lhe dizer que entre a geração nova vejo nomes que se impõem e esperanças de muito valor.

Obras de André Brun

«André Brun é um mestre do humorismo português. A leitura das suas obras desperta bastas vezes francas gargalhadas e dispõe alegremente os espiritos mais melancolicos e tristonhos... Do jornal O Seculo.

«Príncipe dos humoristas portugueses, poucos como ele souberam imprimir ao dialogo uma vivacidade tão inteligente e tão espirituosa, criar situações tão pittorescas e desenhar tipos tão característicos... Do Diário de Lisboa.

Dez Contos em papel	1 vol.	8\$00
Sem cura possivel.....	1	10\$00
A Malta das trincheiras.....	1	10\$00
Sumario de varias cronicas	1	8\$00
Os meus domingos, ilustrações do notavel caricaturista Francisco Valença, 3 volumes. Cada volume.....		8\$00
A vida dum rapaz gordo	1 vol.	8\$00
A Sogra do Barba Azul, ilustrações de Francisco Valença....		8\$00
Procopio Baêta, ilustrações de Francisco Valença.....		8\$00
O Pinto Calçado (comedia)		5\$00
A maluquinha de Arroyos (comedia)		5\$00

Pedidos á livraria Editora Guimarães & C.ª

68, Rua do Mundo, 70 — Lisboa

VIDA LITERARIA**Notas e Comentarios aos Livros da Semana**

Apreciamos hoje mais alguns livros dos que encontramos sobre a mesa de trabalho, e nos foi dado ler. Outros volumes esperam oportunidade, ou a disposição especial necessaria ao comentario, que o caracter de cada obra diversamente exige.

Arqueologia e historia de Bragança

— pelo Reitor de Baçal

O titulo deste volume IX da monumental obra do P. Francisco Manuel Alves, Reitor de Baçal, director do Museu Regional de Bragança, é: «Memorias arqueologico-historicas do Distrito de Bragança — Arqueologia, etnografia e Arte».

Não tentamos sequer comentario — para o que nos falta competencia, mas sobejá probidade para o reconhecer — a este volume erudito de um sabio cuja obra neste campo vasto e meritorio é notavel no nosso pais.

Limitamo-nos a noticiar o seu aparecimento, e a recomendar a quem sente a atracção por estas materias, menos frias do que se possa supor, a aquisição da obra. As 700 paginas do volume estão repletas de notas e noticias que aos proprios leigos da arqueologia interessará, desde que não sejam de todo calhaus desprendidos da rocha primaria da ignorancia.

Os capitulos da Pre-historia, dos Pelourinhos, da Etnografia — este muito acessivel — das Lapidarias e epigrafia, são de um poder sugestivo manifesto, e para os especializados ou iniciados representam documentação valiosissima.

O prestigioso P. Francisco Manuel Alves é, de resto, um homem de letras, um vernaculo erudito, cuja veia critica transparece do anteloquio do volume, onde ha uma referencia soberanamente desdenhosa «aos puristas, aos zollos, a essa especie de mlopes intellectuais, como lhes chama o dr. Julio Dantas, pulgas de Taine, lombrigas loiras de Brunetiere...».

E por curiosidade, sem nada ter que ver com as materias da obra, transcrevemos, como se presentessemos o leitor com um mimo literario, o fecho daquelle anteloquio, que equivale á localizacao e data do encerramento do trabalho:

«Baçal, ao fresco na varanda, enquanto um grilo domiciliado no canteiro do curral junto á espirradeira começa de afinar o instrumento para saudar o pôr-do-sol deste caloroso dia 1 de setembro de 1934; enquanto os quatro casais de andorinhas e respectiva filharada, cooperativas estivas da minha casa, dão os retoques finais nas malas de viagem, enviando-me de passo saudosos hii, hii, hii de despedida, com votos de boa hibernação, legando a faina destruidora das perniciosas moscas e mosquitos ao reenchegado tralhão, que acaba de se instalar num corrinhão; enquanto os irmãos porcos, mai-la bezerra branca, a burra, as galinhas, assomam ás portas das lojas abertas por meus sobrinhos Lusía Alves e Barnabé Alves, acompanhados de sua mãe Maria Cândida Alves, sem receio de afrontar a bicharia moscócea, na busca dos pacigos; e enquanto a semente da camelia mandada pelo amigo Manuel da Cunha Lima, do Porto, aflora á superficie do canteiro do curral, saudando fraternalmente a casa e respectiva animalidade, que, além do já dito, abrange mais o cão (Valhadolide), as muchanas Branquica e Rucanha com os seus meninos».

Poemas do tempo incerto

— por Adolfo Casais Monteiro

O autor já nos havia dado ha cinco anos «Confusão» — poemas — e, no ano passado, «Considerações pessoais» — ensaios — além de uma obra fora do mercado, de parceria com Ribeiro do Couto.

Mas não temos presente na memoria qualquer dos trabalhos anteriores. Queremos acentuar que «Poemas do tempo incerto» não constitui uma estrela.

O livro que temos á vista, e lemos com delicioso prazer, enfileira na arte desconforme de metrica, mas de ritmo desconforme de metria, mas de ritmo puro. Pertence áquele genero, na moda

literaria, que tão bem serve as almas sensitivas, e que ha tempo classificamos de prosa bonita, em forma de poesia. Pertence ao gosto das edições da «Presença» de Coimbra, de onde vem ás livrarias.

Ha que considerar em «Poemas do tempo incerto» a intenção, a forma, o espirito: a alma do poeta, o objectivo e o escopo de artista.

Abre com uma legenda de Goethe: «Morre e devemo», e copia logo, no portico do capitulo «O pantano» os versos de Mallarmé.

«Et dans mon être aquí le sang morne
L'impuissance s'étire en un long baillement...»

O poeta escreve ao sabor da sua alma, na hora acordada do seu sonho pessimista. Não é poesia salutar e confiante. Assim, não tem uma intenção, que parta do intimo para o exterior; é antes a obediencia a um instinto, diremo que a uma fatalidade de escrever, ou fixar, estados de alma.

O espirito, e no titulo do livro se confessa, é incerto. Vejamos:

*Eu que procuro a paz e a doçura,
que sonho as Babilonias, já sabendo
o cansaço que delas hei-de ter,
eu que tudo amo... e nada quero...*

Depois:

*Os dedos,
quasi por habito
estendem-se para o papel
num desejo
de confessar sei lá o quê!*

E adiante:

*Tanto vendaval inutil me abanou,
Tantos sóis e nevoas me crestaram,
para ficar este debil cata-vento...*

(nas Novelas)

E' logo no começo do livro; e não é preciso — cuido — citar mais para se ver do Tédio, do esfumado de gloria da vida, da melancolia criadora.

Temos pois intenção vaga, ou inexistente: fatalismo literario; espirito irreia, indeciso, afinado por uma sensibilidade requintada.

Quanto á forma, desprezadora da rima, essa magia ortodoxa da poesia que dá a monotonia ou não consonante a corda da lira de ouro — Adolfo Casais Monteiro realiza arte. E somos forçados a encontrar o nosso optimismo no encantamento das suas confissões, onde não ha lirismo algum, afinal, mas um panteismo subjectivo, nos quadros da propria intimidade «o poeta».

Vamos abstrair da respiração moribunda dos poemas — todos eles com febre: O Pantano, Bufonarias, A disponibilidade e o presentimento, Miragem, O equilibrio difficil, Interludios e A Iniciação.

Só queremos encontrar beleza, arte, graça de palavras — musica de um cravo místico. A filosofia parada da obra não nos interessa agora. (O capitulo «Iniciação» abre com versos de Baudelaire). O «Pregão da revolta» é, contudo, ou parece ser, uma reacção simbolica, sinal atento de inquietação:

*Escravos!
chegou o tempo de acabar
as canções do declínio.*

«Luar numa rua» — que faz parte do capitulo «Interludios» é uma maravilha, que lamentamos não poder transcrever. «Bucio» reza assim, pois mais parece oração: «O eco dum passado que já a ninguém lembra... A memoria vaga do que talvez nunca foi... A saudade sem forma de tudo o que nem sequer um dia foi esboço... Ressoar de ondas num mar lá não sei onde...».

Quem negará a penetração poetica deste trecho (a que demos a forma grafica da prosa), a posição estatica do autor diante de uma coisa, suficiente á sua sensibilidade?

As «Bufonarias» que Rabelais também apresenta são sínteses de realismo valor.

Serve o livro a todos os olhos? Não; e é bem que assim seja.

Investidas alemãs em Angola

— por Antonio Fernandes Varão

São «subsídios para a Historia» esta

obra «Investidas Alemãs ao Sul de Angola». O autor é um oficial distinto do nosso Exercito, o sr. Antonio Fernandes Varão.

E' um trabalho probo, patriótico, que passa em revista situações, circunstancias e factos que dizem respeito ao periodo inicial da nossa guerra em Africa, quando dos insolitos ataques alemães, e visam estabelecer a responsabilidade da Alemanha nos prejuizos causados nas Colonias Portuguesas do Sul de Africa, sem motivo algum justificativo ou explicativo, antes que tivesse sido declarada a guerra a Portugal.

O interesse que este volume tem

para os que se dedicam aos estudos coloniais, militares e juridicos, em relação com a guerra é indiscutivel.

O autor passa sumaria, mas sufficientemente, em revista a espionagem e a propaganda alemã as famosas missões de estudos, o Incidente de Naulila, o Massacre de Cuangar, os ataques aos fortes, as surpresas, as trações, as hostilidades, depois; reune depoimentos valiosos, noticias, informações dispersas; revela factos, aponta casos que servem a justificar o direito que assistia a Portugal. Insere a sentença arbitral, com todos os capitulos de feição juridica e de facto dada em Lausanne, a 31 de julho de 1928, pelos juizes do tribunal arbitral, drs. Alois de Mouron, Robert Fazy e Robert Guex.

E' um livro indispensavel numa estante de historia contemporanea.

Edição do autor.

N. DE A.

A MOCIDADE de Alexandre Herculano

(Continuação da 5.ª pagina)

mada pela letra morta sobre o sangue de todo o escritor. Lidos os livros, queremos a carne e osso, a corrente vital do «homem Herculano».

«Levemente alquebrado, o dorso pendido para o lado direito, compranida a arca do peito, pela assiduidade no escrever», tinha «o passo um tanto apressado», «passo picado», «cadençado e militar». As «mãos e pés secos, mas notavelmente pequenos», favoreciam esta agilidade de movimentos e esta pressurosidade na marcha, que a inquietação espirital e a voluntariedade reactiva acentuavam e perculiam.

E' por esse tempo que se queixa a Gomes de Brito dos seus «cabelos brancos» e da «fronte calva pela maior parte» — («a raiz dos rareados cabelos da fronte — diz dos quarenta e tal anos — rebentavam-me as bagas de suor») — queixa que lhe volta, com um suave sabor a poente, em 1876.

Deixá-lo... Se este escalvar era nuncio de caducidade e de morte, simplificava-lhe a mascara, reduzia-a á segura essencial de uma fronte coberta de sentido, como a que S. Jeronimo, no quadro de Durer, palpa em si mesmo com uma caveira diante.

Como ele exclama defronte do eremita da «Arrabida», poderia exclamar-se em frente da sua testa embranquecida:

Oh, com quanto sossego o bom do velho Dormia! A leve aragem lhe ondejava. As raras cans na fronte, onde se lia A bela historia de passados anos.

Era uma cabeça trabalhada pela meditação, modelada pela «euméride da propria consciencia»:

Na fronte calva,
Que o sol tostou e que enrugaram
anos,
Ha um com fulgor sereno e santo.

Os olhos — brilhantes, «de um limpo azul, longo e demorado o olhar», de uma expressão concentrada e penetrante, «reflexiva e boa», — em suma, olhos como os do Monge de Cister, «isto é, reflexo perenne dos intimos pensamentos; tempestuosos como procellas do coração, serenos como a calma delle». Porque quando se encolerizava, — contra Bulhão Pato, — os olhos ficavam-lhe «chispando de justa indignação», «tinctos de fe' e sangue». Mas ia-se o impeto e voltava a «acquiescencia in se ipsu».

Tinha «as palpebras tão arqueadas, que faziam feição «sui generis» no magro socco, e «o nariz, conquanto aquilino, um tanto revirado na base». Só a boca, tensa e linear, sem o sinuoso do sorriso, poderia parecer, ao lado do gilvaz semelhante a fenda aberta por aerolito em rocha, outra cicatriz misteriosa, talvez da lançada

do Anjo da Morte ao marcá-lo do segredo e destino. Assim o escultor Calmels, posto de subito em frente da sua mascara adormecida já —

Debaixo do amplo manto
Da piedade de Deus,

— fica perplexo, e escreve ao Duque de Palmela: «Je n'explique: Si le front est très développé et révèle une grande intelligence, ainsi que la forme du nez, la bouche est pour ainsi dire sans forme déterminée: est-ce le résultat de la maladie? Est-ce le résultat d'un esprit plutôt méditatif qu'actif? Pour moi cette bouche est un mystère! J'ignore si le grand écrivain était orateur mais dans tous les cas elle révèle le contraire, elle affirme plutôt le mutisme, si, comme je viens d'avoir l'honneur de le dire à Votre Excellence, la maladie ne l'a pas déformée».

Das mãos ninguém fala, a não ser Gomes de Brito para as dizer pequenas. Mas algumas fotografias, principalmente a que o representa, rígido numa cadeira de braços ao estilo do mogno burguês, deixam-nas ver admiráveis, montadas em carpos de ferro, a que o habito de cavar dera um jogo certo e dextroroso. O polegar acusa a patilha do lavrador que faz de tudo um pouco, — enxertos, ceiras, buxins para carretas, alegretes de ao pé da porta, — mas agrupados, os dedos são bem divididos e elegantes. Se a mão direita, contraída nos fala do que há de executivo e de nodoso no seu caracter, a esquerda, estriada de veias finas e de poderosos tendões até ao pulso dá a impressão harmónica e rigorosa de uma harpa.

REGISTO BIBLIOGRAFICO

Recebemos os seguintes livros, que agradecemos:

Imagem — ensaios criticos — por Artur Augusto. Edições Momento, Lisboa.

Lisboa sem camisa — I O casamento de Fifi Antunes — novela humoristica — por Armando Ferreira. Edição Guimarães, Lisboa.

Um escritor de Almas — romance — por Freire Corte Real. Livraria Tavares Martins.

O cheque e a prescrição — trabalho juridico — por Humberto Pelagio. Edição do autor.

O Pinto — romance de critica de costumes — por Conde de Aurora.

No Mar Tenebroso — cronicas de viagem — por D. Virginia de Castro e Almeida. Edição da Livraria Classica Editora, Lisboa.

Adaptação em verso de *As Pupilas do Senhor Reitor* — por Julio Guimarães. Livraria Peninsular Editora, de Lisboa.

Agua do meu poço — poemas — por Marques Matias. Edições «Momento», Lisboa.

Miradouro — Tipos e casos: cronicas e narrativas — por Antero de Figueiredo.

J. S. RODA, L. DA
R. Augusta, 86 a 96 Tel.: 2 5965
O primeiro estabelecimento do país de:
CAMISARIA E ALFAIATARIA
Com secção de Malhas, Oahardine e impremeave's, chapeleira, artigos de viagem, luvas, noivas, etc.